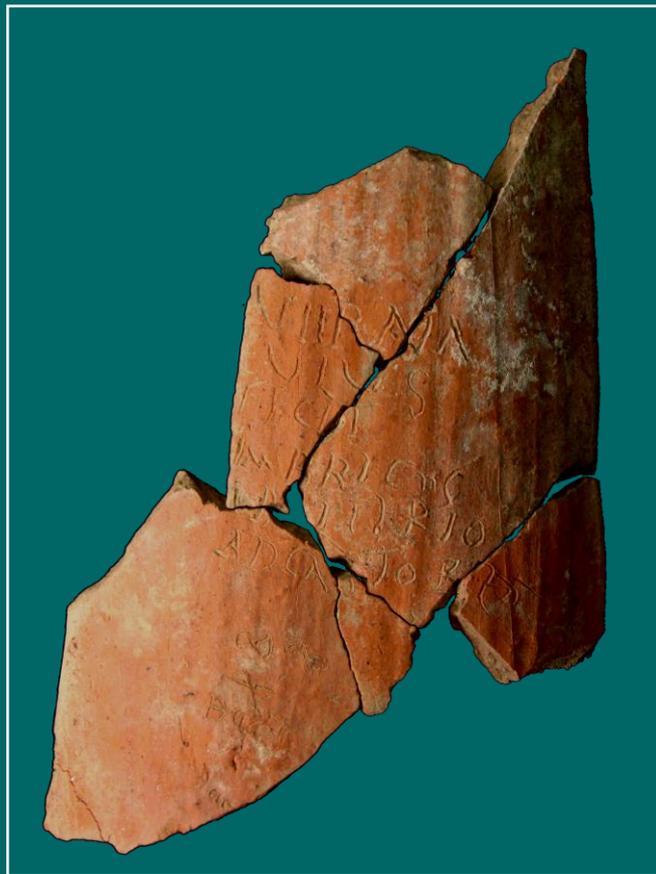


ABELTERIVM

REVISTA ONLINE DE ARQUEOLOGIA E HISTÓRIA DO
MUNICÍPIO DE ALTER DO CHÃO

I



ABELTERIVM

VOLUME I | MAIO | 2014

Título: Abelterium
Revista Online de Arqueologia e História
do Município de Alter do Chão

Propriedade e Edição: Município de Alter do Chão

Comissão Editorial: Jorge António
Luís Santos
Maria Cecília Rosalino

Periodicidade: Anual (Dia do Município)

Temas: Arqueologia e História do concelho de Alter
do Chão

Concepção Gráfica e Paginação: Jorge António

Contactos: abelterium.revista@cm-alter-chao.pt
245 610 000 / 328

Textos: Ângela Barrigó
Guillermo de la Peña López
Joaquim Garcia
Jorge António
José d'Encarnação
Maria Filomena Barata
Maria Pilar Reis

Agradecimentos: Diana Carvalho
Hermínia Santos
Vítor Hugo Sacadura

ISSN: 2183-3052

Nota: Todos os direitos reservados de acordo com
a legislação em vigor.

O Município de Alter do Chão respeita
integralmente os textos originais dos
autores pelo que os mesmos são da
exclusiva responsabilidade dos signatários.

| | |
|---|----|
| Editorial | 4 |
| Joviano Martins Vitorino Presidente da Câmara Municipal de Alter do Chão | |
| Vestígios arqueológicos em Ferragial d'El-Rei (Alter do Chão, 1954) | 6 |
| Jorge António | |
| A <i>Villa</i> Romana da Casa de Medusa | 10 |
| Jorge António | |
| As termas de <i>Abelterium</i> , breve análise do que se conhece | 22 |
| Maria Pilar Reis | |
| A Necrópole Tardo-Antiga da Casa de Medusa | 30 |
| Jorge António | |
| Grafito identifica Alter do Chão como <i>Abelterium</i> | 39 |
| Jorge António e José d'Encarnação | |
| A população romana de Alter do Chão | 43 |
| José d'Encarnação | |
| Metodologia de intervenção de conservação e restauro | 49 |
| Joaquim Garcia | |
| Conservação e restauro dos espólios arqueológicos da Casa de Medusa | 56 |
| Guillermo de la Peña López | |
| Recuperação e valorização da Estação Arqueológica de Alter do Chão | 61 |
| Maria Filomena Barata e Ângela Barrigó | |

Dois mil anos após a instalação dos romanos na planície chã, onde hoje se situa a vila de Alter do Chão, transformámos os seus objetos pessoais, as suas casas e os seus espaços de morte em objetos de estudo e peças museológicas.

Durante vários anos convivemos com os ecos do nosso passado romano e sentimo-nos desafiados a perceber e a recuperar uma realidade, por vezes, tão fragmentada e única da nossa história. ABELTERIVM surge para divulgar o trabalho desenvolvido na recuperação e valorização do Património Histórico e Arqueológico do Concelho de Alter do Chão através da publicação *online* de artigos de natureza científica. Uma revista que será disponibilizada no *site* e *facebook* da Câmara Municipal e em diversas plataformas, fóruns de discussão e divulgação arqueológica e histórica.

Este é um desafio lançado a todos os que se dedicam ao refazer do passado e da história do nosso concelho. A motivação, a descoberta, o interesse neste Património Cultural tão vivo merece ser divulgado e potenciado na sua valorização.

Estamos perante uma revista que estimula a proteção dos valores civilizacionais do concelho de Alter do Chão e cria ligações entre investigadores, técnicos e curiosos que juntos poderão ajudar a construir uma base científica importante para o concelho de Alter do Chão.

Neste primeiro número da ABELTERIVM destaca-se a *Villa* Romana da Casa de Medusa. Um projeto importante para o Município que contemplou a musealização das ruínas romanas, a criação de um Centro Interpretativo e a criação de Laboratórios e Reservas de Arqueologia, constituindo o Núcleo Arqueológico do Museu Municipal. Este local ganhará uma nova expressão com o lançamento desta revista. Será uma aposta na divulgação técnica e científica dos trabalhos realizados investindo de uma forma séria e responsável, na recuperação, valorização, fruição pública e investigação do nosso património e da nossa história.

Joviano Martins Vitorino
Presidente da Câmara Municipal de Alter do Chão

VESTÍGIOS ARQUEOLÓGICOS EM FERRAGIAL D'EL-REI (ALTER DO CHÃO, 1954)

Jorge António
(Município de Alter do Chão)

RESUMO:

Quando o arqueólogo Bairrão Oleiro se deslocou a Alter do Chão, em Janeiro de 1954, na sequência das diligências efectuadas por Alexandre Proença, já havia conhecimento, desde longa data, de achados fortuitos datados de época romana em Ferragial d'El-Rei. Contudo, o sítio só é reconhecido oficialmente pela tutela no seguimento desta visita.

PALAVRAS-CHAVE:

Bairrão Oleiro, Alexandre Proença, Ferragial d'El-Rei.

ABSTRACT:

When the archaeologist Bairrão Oleiro visited Alter do Chão, in January 1954, in sequence of the diligences expressed by Alexandre Proença, it was already common knowledge of roman archaeological findings at Ferragial d'El-Rei. However, the archaeological site was only recognized by the legal guardianship after this visit.

KEY WORDS:

Bairrão Oleiro, Alexandre Proença, Ferragial d'El-Rei.

1. Introdução

Embora se desconheça a data precisa da descoberta dos primeiros achados em Ferragial d'El-Rei, o sítio arqueológico apenas é reconhecido oficialmente enquanto tal pela tutela (Junta Nacional de Educação), no dia 9 de Janeiro de 1954, aquando da visita do arqueólogo João Manuel Bairrão Oleiro ao local.

Como tal, comemoram-se, este ano, precisamente 60 anos da descoberta da Casa da Medusa, uma *villa* romana suburbana de *Abelterium* que constitui um legado cultural inestimável na região, desde logo intrinsecamente ligada a história de Alter do Chão.

Para assinalar esta data, importa reconstituir, tanto quanto possível, os acontecimentos da época, designadamente no que concerne a pessoas e entidades envolvidas, bem como assinalar os vestígios arqueológicos que estão no centro desta importante

descoberta, os quais merecem, actualmente, manifesto interesse cultural, científico e turístico.

2. As circunstâncias da descoberta

No decorrer das obras de desaterro em curso no Campo de Futebol Municipal¹, situado em Ferragial d'El-Rei, o qual estava cedido pelo Estado à Comissão Municipal de Assistência, dirigida pelo advogado alterense Alexandre Mendes Gordo Proença, foram descobertas estruturas arqueológicas, datadas de época romana. O sítio, assim designado por ter pertencido à Casa de Bragança, já era conhecido, desde longa data, por diversos achados fortuitos, tais como cerâmicas e moedas romanas.

¹ Obras que decorreram entre 1953 e 1954.



Fig. 1: Bairrão Oleiro (Foto de Artur Magalhães/1988)



Fig. 2: Alexandre Mendes Gordo Proença (CMAC, 1987, p. 4)

No intuito de salvar os vestígios e procurando averiguar a sua importância arqueológica, Alexandre Proença comunicou a descoberta à Associação dos Arqueólogos Portugueses (AAP), pois desconhecia que a entidade competente para o efeito era a Junta Nacional de Educação (JNE). Como tal, Joaquim Fontes, presidente da AAP, dá conhecimento do ofício a Pereira Dias, Vice-Presidente da 2.^a Subsecção da 6.^a Secção da JNE, o qual delegou no arqueólogo João Manuel Bairrão Oleiro, a incumbência de se deslocar a Alter do Chão, no intuito de o informar acerca dos vestígios arqueológicos encontrados. Por se tratar de um assunto urgente, Bairrão Oleiro deslocou-se ao local, sábado, dia 9 de Janeiro de 1954, sendo esperado por Alexandre Proença, que o acompanhou na visita ao sítio da descoberta.

No relatório que exarou, para dar conhecimento a Pereira Dias, o arqueólogo descreve o cenário de destruição que encontrou em Ferragial d'El-Rei, nomeadamente vários blocos de granito, alicerces semidestruídos, restos de mosaicos, *tegulae*, *imbrices*, ladrilhos e um peso de tear.

Numa pequena vala identificou, ainda, um mosaico, com várias lacunas, que parecia continuar, sob um

pequeno muro, para os terrenos da Coudelaria de Alter, onde já se havia registado vestígios de outros, de acordo com informações que recolheu. Este mosaico, policromo, revelava tesselas de cor branca, vermelha e “negro azulado” e decoração de ornatos geométricos, tais como triângulos, quadrados, losangos, motivos florais, nós de Salomão, entre outros. As características da decoração, assim como a técnica pobre e as dimensões das tesselas, de cerca de 1 cm, levam Bairrão Oleiro a propor uma cronologia para o séc. III, embora com algumas reservas.

Na sequência do que pôde verificar em campo, aconselha, numa primeira fase, que se realizem sondagens arqueológicas na estreita faixa de terra onde surgiram os mosaicos, mais precisamente, na área que separavam o campo de futebol dos terrenos da Coudelaria Nacional. Posteriormente, as escavações deveriam estender-se a estes, nos quais lhe comunicaram haver registo de vestígios igualmente datados de época romana.

Todavia, Bairrão Oleiro refere que estas sondagens só deverão efectuar-se quando a verba disponível para o efeito permita, nomeadamente, proceder ao arranque ou consolidação dos mosaicos que porventura possam

ser descobertos. Além desta notável preocupação, recomendou a maior vigilância do local, bem como se procedesse novamente à cobertura do mosaico, até que houvesse deferimento da Subsecção à qual pertencia.

3. Os materiais arqueológicos descobertos

A Direcção-Geral da Fazenda Pública, tendo conhecimento da descoberta de espécies arqueológicas, em propriedade do Estado, deu instruções à Direcção de Finanças do distrito de Portalegre, para que fossem devidamente arrecadadas e objecto de todas as cautelas, sendo que para o efeito mandou elaborar uma relação das mesmas.

De acordo com a relação das espécies arqueológicas recolhidas em Ferragial d'El-Rei, documento da autoria da Secção de Finanças do Concelho de Alter do Chão, datado de 19 de Fevereiro de 1954, foram encontradas moedas e material diverso:

“Uma moeda de dez reis D. José I – s/data.

Uma moeda de dez reis D. João V – de 1735.

Um real de D. João I – s/data.

Cinco reis de D. José I – s/data.

Uma moeda que apresenta ser da 2.^a ou 3.^a dinastia, identificável.

-Três ceitis.”

...

“Um bocado de chumbo pequeno, aparentando ser muito antigo.

Um pondus (peso de tear) romano, com a parte inferior inutilizada.

Seis tijolos identificados como romanos e de tamanhos variados.

Vestígios in loco de pavimentos romanos.”

Os materiais em causa ficaram, naquela data, “à responsabilidade e cautela da Comissão Municipal de Assistência”. Actualmente desconhece-se o paradeiro dos numismas, uma vez que não constam do acervo das Reservas Municipais de Arqueologia. Relativamente ao material diverso, também não existe qualquer registo que comprove a sua incorporação. Todavia, mesmo que esta se tenha efectivado e posteriormente perdido o assentamento de entrada, torna-se particularmente difícil distingui-lo entre o espólio de proveniência desconhecida acondicionado nas Reservas de Arqueologia.

4. Escavações arqueológicas

A Secção de Finanças de Alter do Chão, além de elaborar a relação das espécies arqueológicas, descreve os vestígios de época romana encontrados junto ao campo de jogos e recomenda que se façam pesquisas no local, no intuito de descobrir mais objectos, proposta apresentada a Bairrão Oleiro, aquando da sua visita a Ferragial d'El-Rei.

Na sequência das informações remetidas por esta secção, a Direcção-Geral da Fazenda Pública solicita aconselhamento à Direcção-Geral do Ensino Superior e das Belas Artes relativamente às providências especiais a adoptar.

Bairrão Oleiro, tendo conhecimento desta solicitação, enaltece o interesse manifestado pela Direcção-Geral da Fazenda Pública nas descobertas ocorridas em Alter do Chão e, por se tratar de achados em propriedade do Estado, considera que será mais fácil que estas se façam de acordo com as medidas que ele propusera no relatório que elaborou para a JNE, as quais observa não carecerem de alteração. O arqueólogo reitera a sua preocupação relativamente aos mosaicos, remetendo para a sua proposta, a condicionante de que estas apenas se levem a efeito, se houver verba para arranque ou consolidação destes. Se por um lado faz um alerta metodológico, por outro deixa transparecer a sua discordância relativamente ao sugerido pela Secção de Finanças de Alter do Chão, o objectivo redutor de efectuar escavações exclusivamente pela descoberta de objectos arqueológicos, em detrimento da salvaguarda do património.

Aproveitando o interesse manifestado pela Direcção-Geral da Fazenda Pública, Bairrão Oleiro questiona se esta poderá conceder verba para as escavações. Em caso afirmativo, o arqueólogo considera “que eles se não limitem a “pôr a descoberto outros objectos arqueológicos”, “que se encarem todos os problemas de conservação, defesa, estudo e publicação, no caso de se realizarem trabalhos” e “quelessejam dirigidos por um dos Vogais” da sua Sub-Secção.

Em resposta à Direcção-Geral da Fazenda Pública, a Direcção-Geral do Ensino Superior e das Belas Artes informa que devem ser seguidas as sugestões subscritas por Bairrão Oleiro.

A primeira campanha de escavações arqueológicas efectuada em Ferragial d'El-Rei irá ocorrer dois anos depois, mais precisamente, em 1956, sob a direcção de Bairrão Oleiro. De facto, estas escavações representam um marco importante na arqueologia de Alter do Chão,

na medida em que são as primeiras realizadas no concelho.

5. Considerandos finais

O espólio documental utilizado na elaboração do presente trabalho teve por base a consulta de correspondência na Direcção Regional de Cultura do Alentejo e no Arquivo da Junta Nacional de Educação, existente na Secretaria-Geral do Ministério da Educação e Ciência

As fontes documentais que se conseguiram apurar resumem-se, exclusivamente, à correspondência trocada entre três entidades, mais precisamente a Junta Nacional de Educação, a Direcção-Geral da Fazenda Pública e a Direcção-Geral do Ensino Superior e das Belas Artes, tal como constam da bibliografia do presente trabalho.

Infelizmente, nem a descoberta de vestígios arqueológicos, nem a vinda do arqueólogo João Manuel Bairrão Oleiro a Ferragial d'El-Rei, mereceram qualquer referência nas reuniões do executivo da Câmara Municipal de Alter do Chão, presidido por Francisco Xavier Barreto Caldeira.

O Mensageiro de Alter, jornal da Fábrica da Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Assunção de Alter do Chão, também nada refere, apesar das regulares notícias da Associação Desportiva de Alter (ADA) à data das descobertas arqueológicas.

Infelizmente, os arquivos históricos da ADA, outra fonte, potencialmente importante, para obter informação adicional, à data da ocorrência dos factos, mesmo que residual, perderam-se.

Porém, fica o contributo para assinalar os 60 anos da descoberta e do reconhecimento oficial pela tutela, da *Villa Romana* da Casa de Medusa, em Alter do Chão.

Bibliografia:

CÂMARA MUNICIPAL DE ALTER DO CHÃO (1987) – Os 430 Anos da Fontinha. Os Medalhões Heráldicos, CMAC.

Espólio documental:

Ministério da Educação e Ciência – Secretaria-Geral (Arquivo da Junta Nacional de Educação):

L.º A-12, N.º 52/828, 1956 – *Achados romanos em Alter do Chão*. Relatório, 10 de Janeiro de 1954.

L.º A-12, N.º 52/828, 1956 – *Sobre os achados romanos de Alter do Chão*. Correspondência de 12 de Maio de 1954. Junta Nacional da Educação. Ministério da Educação Nacional.

Correspondência da DRCALLEN:

Relação das espécies arqueológicas que foram descobertas no campo de jogos cedido pelo Estado à Comissão Municipal de Assistência. 5 de Abril de 1954. 2.ª Secção da Repartição do Património da Direcção-Geral da Fazenda Pública.

Correspondência de 6 de Abril de 1954. Repartição do Património. Direcção-Geral da Fazenda Pública. Ministério das Finanças.

Correspondência de 25 de Maio de 1954. Direcção-Geral do Ensino Superior e das Belas Artes.

A VILLA ROMANA DA CASA DE MEDUSA

Jorge António
(Município de Alter do Chão)

RESUMO:

A Casa de Medusa, assim designada pelo facto desta figura mitológica surgir representada no mosaico do *triclinium*, era uma *villa* romana suburbana de *Abelterium* (Alter do Chão), localizada junto da Via XIV, a qual fazia a ligação entre *Olisipo* e *Augusta Emerita*. Os trabalhos arqueológicos desenvolvidos, até à presente data, colocaram a descoberto uma área significativa da *pars urbana*, cujo *peristylum* ajardinado e os compartimentos adjacentes, pavimentados a mosaico e a *opus signinum*, importam perceber como unidade arquitectónica privilegiada da *villa* rural.

PALAVRAS-CHAVE:

Villa romana, peristylum, cubicula, triclinium, mosaicos.

ABSTRACT:

Medusa's House, was named after the representation of this mythological figure in mosaic at the *triclinium*, it was a suburban roman *villa* of *Abelterium* (Alter do Chão), situated at Via XIV, which made the connection between *Olisipo* and *Augusta Emerita*. The archaeological works developed to the present day, brought to light a considerable area of *pars urbana*, whose *peristylum* landscaped with a garden and the connecting compartments, paved with mosaic and *opus signinum*, are relevant as an architectural unit, privileged of the rural *villa*.

KEY WORDS:

Roman *villa, peristylum, cubicula, triclinium, mosaics.*

1. Introdução

A *Villa* Romana da Casa de Medusa faz parte da Estação Arqueológica de Alter do Chão, arqueossítio que inclui também uma necrópole Tardo-Antiga, edificada numa das piscinas do *frigidarium* das termas. Está classificada como Imóvel de Interesse Público, desde 1982, é propriedade do Estado Português e encontra-se, actualmente, sob a tutela da Câmara Municipal de Alter do Chão.

Embora já houvesse registo da descoberta de espólio arqueológico no local, e na área circundante, desde longa data, o sítio só foi oficialmente reconhecido pela tutela, em 1954, aquando da visita de João Manuel Bairrão Oleiro. A deslocação do vogal da Junta Nacional de Educação a Alter do Chão, deveu-se à descoberta de estruturas arqueológicas nos desaterros efectuados no campo de futebol municipal.

Reconhecendo a importância dos vestígios, datados de época romana, o arqueólogo leva a efeito uma campanha de escavações, dois anos depois.

Em 1979, 1980 e 1982, a *villa* romana volta a ser intervenção por António Brazão.

Entre 2004 e 2007, o sítio arqueológico foi escavado por Jorge António, arqueólogo do Município de Alter do Chão, no âmbito do "Projecto de Recuperação e Valorização da Estação Arqueológica de Alter do Chão", financiado pelo Programa Operacional da Cultura. O IPPAR foi o promotor do projecto, sendo este desenvolvido em parceria com a Câmara Municipal de Alter do Chão e com a colaboração da Direção Regional de Cultura do Alentejo. Em 2009 a *villa* foi novamente alvo de escavações, no decorrer do Projecto Via Hadriana, o qual é da responsabilidade da Autarquia, tendo contado com apoio do QREN.

2. Localização e acessos



Fig. 1: Localização da Villa Romana da Casa de Medusa

A *villa* romana localiza-se na Estação Arqueológica de Alter do Chão, em Ferragial d'El-Rei, freguesia e concelho de Alter do Chão¹, distrito de Portalegre, acerca de 170 km de Lisboa e a 70 km da fronteira com Espanha.

O acesso ao local faz-se a partir do Largo 12 Melhores de Alter, situado no centro da vila de Alter do Chão, do qual dista, apenas, cerca de 130 m.

3. A *villa* romana

3.1. Aspectos gerais

A Casa de Medusa era uma *villa* romana suburbana de *Abelterium* (Alter do Chão), localidade referida no *Itinerarium Antonini* (Wesselingio, 1735, p. 419), situada na Via XIV², uma das três que ligava *Olisipo* (Lisboa) à capital da província da Lusitânia, *Augusta Emerita* (Mérida). De facto, a via passa a poucas centenas de

metros da *villa*, à qual o acesso se revestia de primordial importância, não só na ligação a *Abelterium*, núcleo urbano a que estaria intimamente vinculada, mas também na integração e comunicação com o restante Império.

Na fase actual dos trabalhos de investigação é possível balizar um intervalo cronológico de ocupação, da *pars urbana*, entre o séc. I e o séc. VII. Como tal, a consecução de futuras campanhas de escavações³ será determinante para aferir as datações preliminares.

A *villa* possuía orientação sudeste/noroeste, com área residencial propriamente dita na ala nordeste e termas ocupando a fração do edifício que se estende para sudoeste.

¹ Carta Militar de Portugal (CMP): 1/25 000, folha n.º 370.

² Esta via, com início em *Olisipo*, passava por *Aritio Praetorio*, antes de chegar a *Abelterio*, seguindo depois para *Matusaro*, *Ad Septem Aras*, *Budua*, *Plagiaria* e finalmente *Emerita*.

³ Até à presente data foram escavados 2.122 m², isto é, pouco menos de metade dos 4.663 m² da área total da Estação Arqueológica.

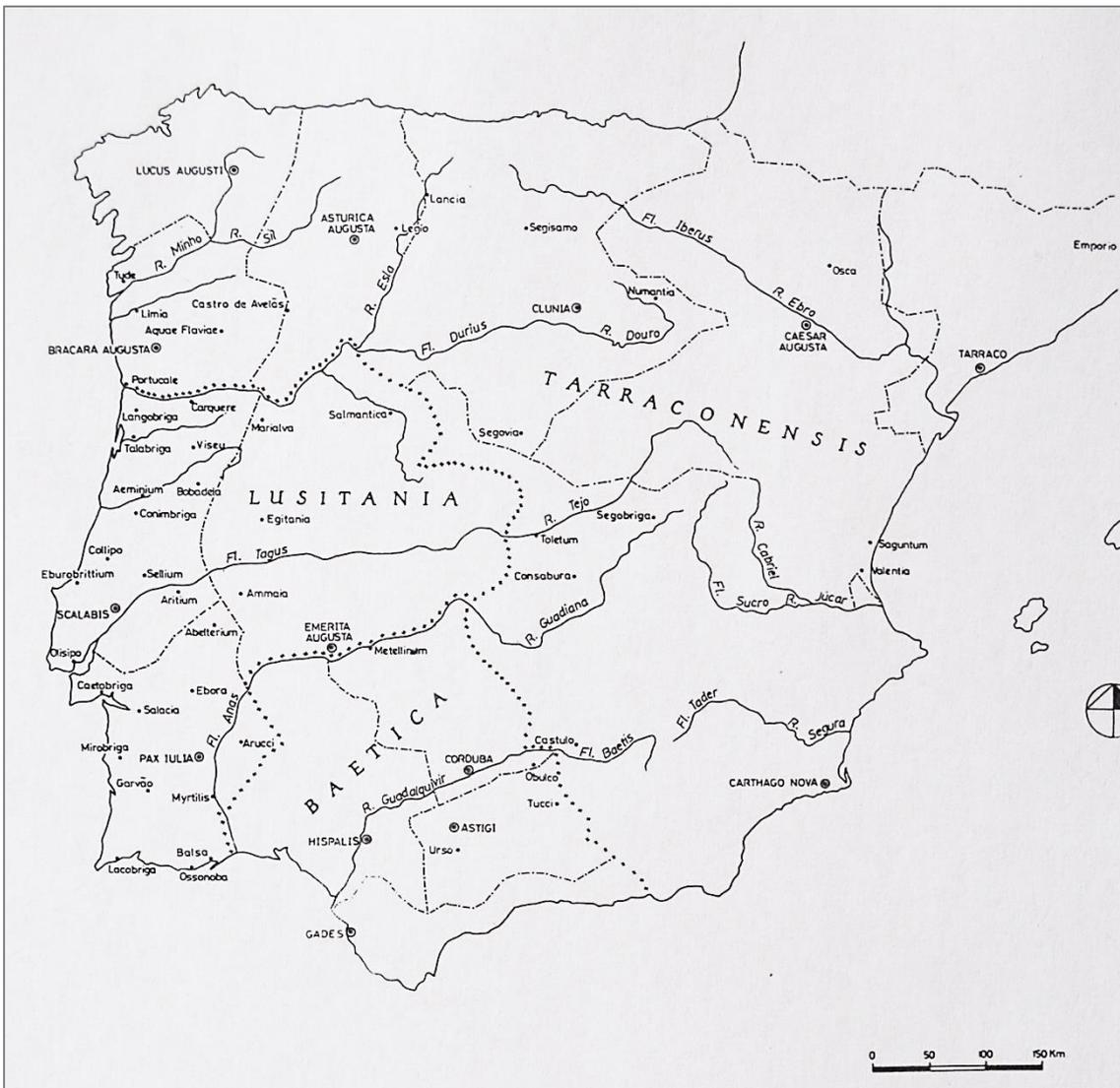


Fig. 2: Localização de *Abelterium* (Alter do Chão) (Alarcão, 1988, p. 40)

No que concerne ao local de implantação, verifica-se que a *villa* romana foi edificada numa pequena plataforma⁴, com boa visibilidade sobre a paisagem circundante, onde se constata a existência de afloramento xistoso. É ladeada por duas linhas de água, sendo que a localizada a sudeste, cujo declive em época romana seria mais acentuado, corresponde à vestigial Ribeira do Álamo.

A nordeste e a sudeste assinalam-se dois pequenos cabeços⁵, hoje praticamente indeléveis na silhueta urbana da actual vila de Alter do Chão, cuja topografia

desce suavemente em direcção à Ribeira de Alter, de maior caudal e onde desagua a anterior.

Regista-se, ainda hoje, abundância de água em várias nascentes, fontes e ribeiros, recursos hídricos que estarão possivelmente associados à fundação de *Abelterium* e à edificação da Casa de Medusa, onde hoje se situa Alter do Chão⁶. Na sequência desta riqueza subsistiam, até há poucos anos, nesta zona, várias hortas e outras terras de cultivo⁷. No séc. XVIII ainda

⁴ Com uma cota de 263 m.

⁵ Outeiro e Alcaide. No primeiro, vertente sobranceira do outeiro de São Miguel, foi edificado o burgo medieval de Alter do Chão. No segundo, o Convento de Santo António, no início do séc. XVII.

⁶ Ainda hoje esta abundante água é utilizada em fontes e rega de espaços verdes, tal como foi usada, nomeadamente, nos jardins e termas da Casa de Medusa, em época romana.

⁷ A Estação Arqueológica situa-se num ferragial, ou melhor, em Ferragial d'El-Rei, ou seja, em terras de cultivo do rei, pelo facto deste terreno agrícola ter pertencido à Casa de Bragança.



Fig. 3: Plano geral do peristylum

existiam muito peixe e vários moinhos na Ribeira de Alter e bastantes árvores de fruto e animais de caça, nas imediações (Costa, 1708, p. 523).

Tal como se pode constatar, a Casa de Medusa reúne os requisitos aconselhados pelos agrónomos romanos, tais como Catão, Varrão e Columela, os quais deveriam ser tomados em consideração na edificação de uma *villa* romana, nomeadamente no que concerne à salubridade do clima, topografia, abundância de água, fertilidade do solo, boa comunicação e orientação.

3.2. Peristylum

Os pátios porticados, por vezes, decorados com projectos arquitectónicos bastante elaborados, conseguidos com colunatas, tanques, fontes, repuxos, vegetação e diversas peças escultóricas, bem como com mosaicos e pintura parietal, eram reveladores de estatuto e prestígio do seu proprietário (García-Entero, 2003-2004, p. 56). Além disso, acresce a mais-valia de constituírem fontes fundamentais de entrada de ar e de luz natural, nos diversos aposentos da residência.

No caso particular da Casa de Medusa, uma *villa* de peristylum rectangular (Fig. 4), com 352 m² de área, orientado a sudeste/noroeste, possuía jardim interior (47), rodeado pelas galerias 45, 27, 41 e 35. Outras *villae* igualmente de peristilos similares, embora menos alongados, são La Cocosa, Monroy e La Sevillana (Fig. 6).

Da colunata, constituída por quatro colunas nos lados menores e dez nos maiores⁸, num total de vinte e quatro, ainda se conservam, no flanco sudeste do *triclinium* (42), três silhares de granito, onde assentavam bases de coluna. Posteriormente, com a edificação da sala de jantar, no interior do jardim, a área ajardinada foi reduzida de 168 para 101 m².

Os corredores do peristilo, utilizados para aceder aos *cubicula* e a outros compartimentos situados em torno do pátio porticado, apresentam pouco mais de 2 m de largura. Possuem pavimentos em mosaico policromático, decorados com motivos geométricos, os quais apontam para cronologia tardia, à semelhança dos demais tesselatos da *villa*. Revelam, genericamente, mau estado de conservação, causa directa da fraca potência estratigráfica existente. Pois, além de apresentarem lacunas consideráveis, foram totalmente destruídos nalgumas zonas pelo arado e pela abertura de covachos para plantio de oliveiras, situação que dificulta a leitura e sequente interpretação do programa iconográfico patente. Deste olival, que se estendia por toda a área arqueológica, apenas restam, actualmente, algumas árvores isoladas, a norte e noroeste da Casa de Medusa, em terrenos da Coudelaria de Alter.

⁸ Inclui-se duas vezes as colunas dos cantos.

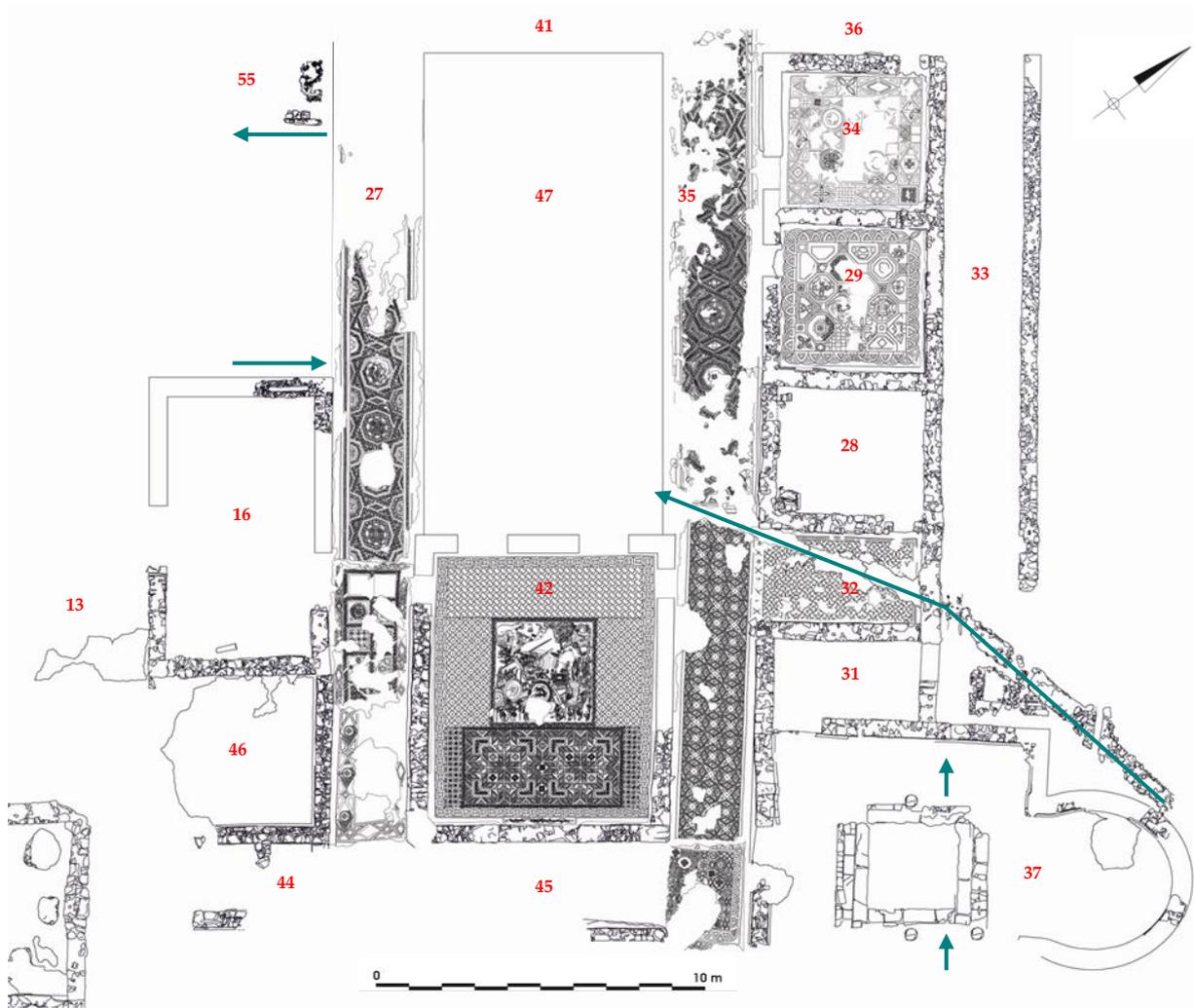


Fig. 4: Peristylum da Casa de Medusa

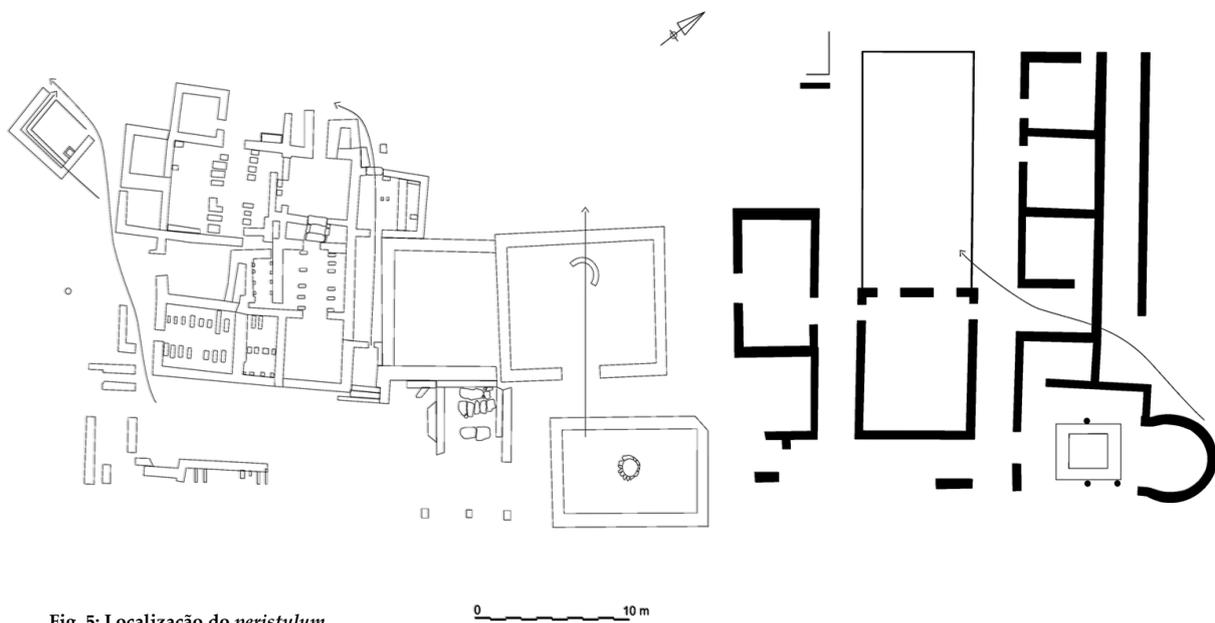


Fig. 5: Localização do peristylum

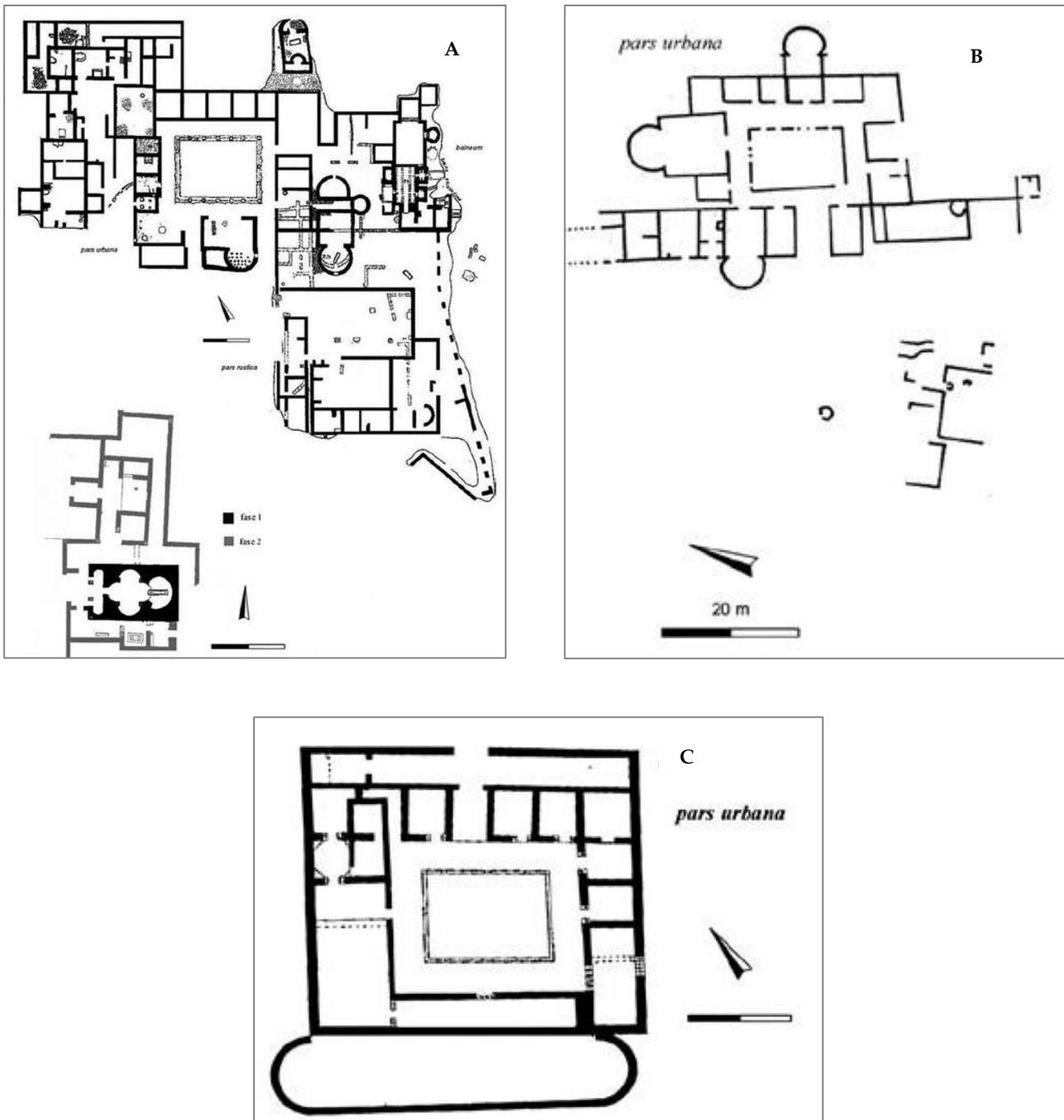


Fig. 6: *Villae* com *peristyla* rectangulares: A (La Cocosa, Badajoz); B (Monroy, Cáceres); C (La Sevillana, Badajoz) (Chavarría Arnau, 2007, p. 263, 266, 258)

Ao longo do corredor 35, além de grande parte do rodapé, ainda são visíveis, *in situ*, diversos fragmentos de decoração parietal. Embora não sejam perceptíveis os motivos que ostentariam originalmente, podemos constatar a existência de pigmentação vermelha e linhas brancas horizontais. Quanto às restantes área do peristilo, não se observam quaisquer vestígios de cor,

além do rodapé nos corredores 45 e 27. Todavia, tal não significa que em futuros trabalhos de restauro, não só no *peristylum* mas também noutras áreas da casa, não possam surgir outros vestígios parietais decorados, actualmente imperceptíveis, pelo facto de se encontrarem parcialmente cobertos por líquenes.

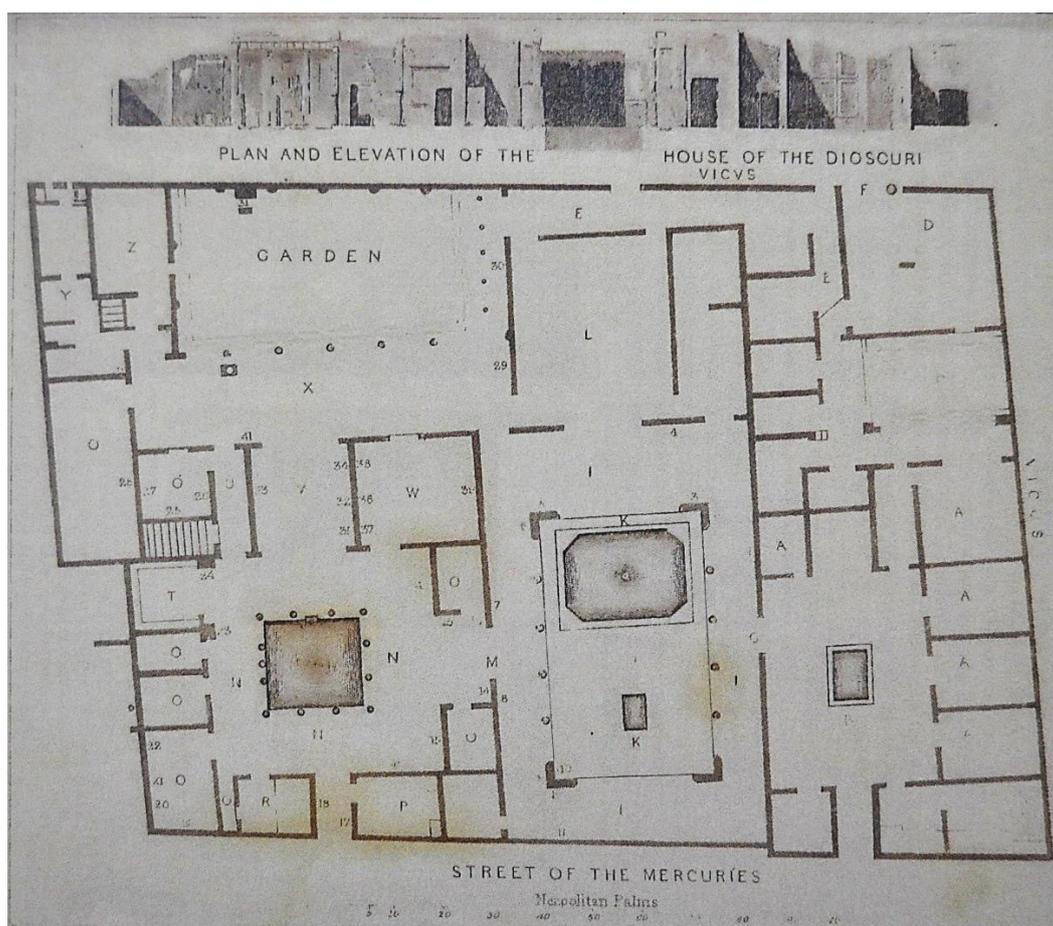


Fig. 7: Casa dos Dioscuros (Pompeia) (Gell, 1835, p. 21/22)

Na Casa de Medusa desconhece-se como se organizava o espaço ajardinado (47), pois a escavação do pátio interior foi efectuada, até ao momento, apenas, ao nível da cota dos pavimentos da *villa*. Relativamente aos elementos aquáticos que adornavam este espaço verde, por agora, somente podemos aludir à existência de uma mancha de *opus signinum*, identificada no lado noroeste, a qual julgamos ter pertencido a uma fonte ou tanque. Em Pompeia, o jardim do *peristylum* da Casa dos Dioscuros possui duas fontes rectangulares, sendo que a maior ocupa totalmente uma das extremidades e a de menor dimensão, disposta transversalmente, está situada a meio da restante zona do *viridarium* (Fig. 7). Já em Alter do Chão, uma das extremidades do jardim foi também completamente ocupada, no séc. IV, pelo *triclinium*, abrangendo este cerca de 40% do jardim, área análoga à da fonte pompeiana. Resta saber, porém, se a sala tricliniar da Casa de Medusa terá substituído alguma estrutura similar à maior fonte da Casa dos Dioscuros.

Só a realização de novas escavações nesta área irão permitir descortinar tal suposição, as quais permitiram igualmente perceber como funcionava o sistema hidráulico que alimentava as fontes e regava o jardim. De referenciar, ainda, que estas intervenções arqueológicas revelar-se-ão também de importância extrema na recolha de espécimes polínicos, desde logo fundamentais na identificação e reconstrução da flora existente no jardim da Casa de Medusa.

A propósito da rede de abastecimento de água do pátio interno da residência, importa mencionar a canalização de chumbo que passava no lado exterior da sala absidada (37). Esta tubagem, da qual ainda se pode observar um pequeno arranque no flanco exterior do compartimento 32, seguia por baixo dos pavimentos deste e do corredor 35 do peristilo, em direcção ao jardim. A colocação desta conduta de água, que obrigou ao corte dos pavimentos 32 e 35 e cujo fecho foi efectuada de forma grosseira, a *opus signinum*, enquadrar-se-á, provavelmente, no âmbito de um novo projecto decorativo e da necessidade de aumentar o

fluxo de água, com maior pressão para as fontes, conseguida com tubagem de chumbo. Situação referida por Pilar Reis e Virgílio Hipólito (2006, p. 297), embora para as centenas de repuxos que decoravam o *viridarium* do peristilo da Casa dos Repuxos, em Conimbriga.

Ainda relativamente à adução de água no jardim, refira-se o canal encontrado no interior do muro noroeste do compartimento 16. Esta canalização de *opus signinum*, parece indiciar a existência de uma sistema de aproveitamento de águas pluviais, não só pelo facto da parte conservada, com cerca de 115 cm, se encontrar a uma cota superior à do piso do jardim, como também devido à pendente seguir na direcção deste.

Quanto à abdução de água, aluda-se à canalização igualmente de *opus signinum*, encontrada junto ao pavimento do compartimento 55. Este canal, aproveitando a pendente natural do terreno, seria eventualmente utilizado para vazamento de água, uma vez que está alinhado com os vestígios de *opus signinum*, os quais julgamos pertencer à base de uma fonte, tal como supracitado.

Do espectacular elaborado projecto cenográfico do *peristylum* da Casa de Medusa, determinante na caracterização social, na afirmação e na demonstração pública do poder do *dominus*, aliadas à fundamental função prática e cultural que estes espaços encerram, é imperativo mencionarmos a estatuária, outro elemento essencial na decoração e embelezamento deste pátio interno. Assim, no que concerne, ainda, à decoração e embelezamento do *viridarium*, estarão seguramente associados os inúmeros fragmentos de esculturas em mármore, especialmente braços, perna e uma mão, encontrados no peristilo e *triclinium*. Porém, importa destacar duas peças, pela sua qualidade técnica e artística. A cabeça feminina de criança encontrada no compartimento 16 e o golfinho em bronze e chumbo, descoberto no corredor 27 do peristilo, um elemento decorativo de fonte, a julgar pelos orifícios na base e boca, para entrada e aspersão de água.

3.3. *Cubicula* e outros compartimentos

Os *cubicula* e outros compartimentos da casa dispunham-se em redor do peristilo e tinham acesso pelos corredores que circundavam o jardim, excetuando os compartimentos 46 e 13, cujo ingresso fazer-se-ia através do átrio da *natatio*/cisterna das termas, ao qual se acedia pelo corredor 44. No caso da dependência 13, o acesso também poderia ser eventualmente feito pelo compartimento 16.

As divisões da casa localizadas na ala nordeste (32, 28, 29 e 34) encontram-se bem conservadas, o que permite, de antemão, inferir com bastante clareza sobre as dimensões, pavimentos e acessos, ao contrário do que se verifica na ala sudoeste (44, 46, 13, 16 e 55), onde pouco se preservou.

Como tal, a ala nordeste caracteriza-se por compartimentos de planta quadrada e rectangular, com áreas internas que variam de 10,5 a 19 m². Nestas divisões, os pavimentos de mosaico, todos eles geométricos, registam mau estado de conservação, agora estabilizados pelos técnicos de conservação e restauro. O fausto desta casa leva-nos a considerar válida a hipótese de terem existido, também, soalhos em madeira, pois na divisão 28 não foi encontrado qualquer vestígio de pavimento. No centro deste compartimento foram identificados vestígios de uma lareira, mais precisamente uma mancha rubefacta no solo, e, no canto virado a sul, foi encontrada uma estrutura pétreo adossada, cuja funcionalidade, por agora, se desconhece.

Em todos os compartimentos, até à data escavados nesta ala, foi possível identificar as entradas, sendo que algumas ainda conservam a soleira em granito (34/36 e 32/28). A porta do *cubiculum* 28, inicialmente com acesso directo pelo peristilo (35), foi entaipada, passando o ingresso a fazer-se por uma antecâmara (32), à qual, por sua vez, se acedia pelo peristilo (35), assegurando, desta forma, uma maior intimidade no quarto (28).

O pavimento de mosaico do compartimento 32 foi rasgado para colocação de uma canalização em chumbo e remendado a *opus signinum*, tal como já referido anteriormente. Na parede sudeste deste compartimento, além do rodapé, ainda persiste decoração parietal a vermelho. Já no aposento 29, constata-se a presença de reboco duplo, onde se enuncia pigmentação vermelha e branca. Porém, à semelhança do registado atrás, não se definem os motivos ornamentados.

Na sequência da acentuada antropização registada na ala sudoeste, nomeadamente a passagem intensiva do arado e as obras de adaptação do terreno a campo de futebol, foram destruídos os muros dos compartimentos 16 e 55, os respectivos pavimentos e parte substancial do mosaico do corredor 27 do peristilo. Deste modo, não podemos assegurar que a divisão 16, com 34,5 m² de área interna, corresponda originalmente a uma só dependência.

Particularmente gravosas foram as consequências que advieram igualmente da acção humana na área localizada entre os compartimentos 16 e 55, onde não se conservaram quaisquer vestígios estruturais, o que impossibilita perceber como se organizava esta parte da casa, nomeadamente qual o número exacto de divisões que aqui terão efectivamente existido, embora se proponha a existência de uma. Quanto à área identificada como 55, registada por Bairrão Oleiro, em 1954, apenas restam vestígios muito ténues de um muro, de um mosaico policromo e de uma canalização.

Todavia, importa ainda destacar a existência de pavimentos em *opus signinum* nos compartimentos 46 e 13, embora em mau estado de conservação, situação verificada fundamentalmente neste último. Pois, no que respeita ao 46, ainda se preserva o rodapé e pintura parietal a vermelho. Numa das paredes do corredor 44 identificou-se também pintura vermelha, branca, azul e amarela. Infelizmente, em ambos os casos, não se define nenhum motivo decorativo em concreto.

Relativamente ao pavimento da divisão 16, nada se conservou, o que nos leva a concluir que terá sido totalmente destruído, ou tratar-se-á eventualmente de outro soalho em madeira, à semelhança da hipótese colocada para o compartimento 28. A escavação desta divisão (16) foi bastante profícua, pela descoberta de uma cabeça feminina de criança, em mármore branco, já mencionada no ponto anterior, e centenas de fragmentos de vidraça, eventualmente pertencente a janelas deste compartimento.

Por esclarecer está a área a noroeste do corredor 41 do peristilo, em terreno da Coudelaria de Alter, isto é, fora da área delimitada pela Estação Arqueológica de Alter do Chão, cujos compartimentos fazem a ligação entre as duas alas já escavadas.

3.4. *Triclinium*

A sala de jantar (42) da Casa de Medusa, construída no interior do jardim (47) do peristilo⁹, mais precisamente no extremo sudeste, apresenta planta rectangular e 53 m² de área interna¹⁰.

Esta localização, pouco comum, contrasta com o que habitualmente sucede com salões de funcionalidade

tricliniar, localizados no lado do *peristylum* oposto à entrada das residências (Chavarría Arnau, 2006, p. 22). Pois, embora nos falte escavar uma parte significativa da *villa*, parece-nos que o ingresso à Casa de Medusa fazer-se-ia a sudeste e não pelo lado noroeste, em estreita sintonia com o eixo axial do *peristylum*.

Não nos parece plausível que o jardim tenha perdido importância, ao ponto do *dominus* prescindir de uma parte tão considerável da área verde e de lazer da casa, ainda que as características o mosaico do pavimento do *triclinium* justificassem tamanha perda. Contudo, importa reafirmar a hipótese anteriormente citada, a propósito da Casa dos Dioscuros, em Pompeia. Pelo que o reaproveitamento de uma construção neste extremo do jardim, nomeadamente uma fonte, possa justificar a edificação do *triclinium*.

Originalmente, tal como se encontra atestado pelos limites do mosaico, tinha uma entrada principal localizada a meio da parede do corredor 45 e outras duas secundárias, mais estreitas, cujo acesso se fazia junto os cantos do *triclinium*, mais precisamente no início dos corredores 27 e 35. Os ingressos à zona setentrional, nomeadamente os dois janelões pelos quais se acedia pelo jardim e os existentes nos corredores laterais, localizados nos extremos opostos aos dois secundários anteriores, foram abertos posteriormente, talvez no momento em que os da parte sudeste foram fechados. Importa referir que apenas podemos supor a existência dos janelões, a partir das falhas no rodapé do pavimento, uma vez que nada se conservou desta parede do *triclinium*, bem como de grande parte da parede do lado do corredor 35.

No pavimento de mosaico da sala, com decoração geométrica e figurativa, destaca-se a cena representada no medalhão central¹¹, de enorme qualidade técnica e artística, onde predominam as tesselas de pasta vítrea, de policromia variada. Trata-se de um *unicum* que reflecte indubitavelmente a cultura e o gosto requintado e uma clara ostentação de poder e riqueza do *dominus*. Atendendo aos traços estilísticos deste excepcional mosaico, que enunciam a sumptuosidade da sala, a sua feitura aponta para a primeira metade do séc. IV, pelo que se enquadra no período de máximo apogeu das *villae* da *pars occidentalis* do Império Romano, uma época de grande estabilidade e prosperidade na *Hispania*.

⁹ À data da apresentação do presente trabalho, não foram encontrados paralelos de *triclinia* edificados no interior dos *peristyla*.

¹⁰ Mais precisamente 52,87 m². Com 6,60 m largura por 8,01 m de comprimento, não respeita as medidas vitruvianas, uma vez que “o comprimento dos triclinios deverá corresponder ao dobro da sua largura” (Maciel, 2006, p. 229).

¹¹ A cena figurada encontra-se em fase de estudo, aguardando-se para breve a sua publicação.

O *tesselatum* figurativo apresenta bom estado de conservação, apesar de algumas lacunas e concreções calcárias que dificultam perceber alguns pormenores dos personagens, sobretudo nas divindades aquáticas.

No que reporta à decoração parietal desta sala nobre da *villa* romana, nada se preservou *in situ*, além do rodapé e de algum reboco de argamassa, sem vestígios aparentes de pintura.

3.5. Sala de representação

Na ala nordeste da casa foi parcialmente escavada uma sala absidada (37), com fonte ao centro e anexo lateral (31), cujo acesso se fazia pelo *peristylum*, mais propriamente na zona de confluência dos corredores 45 e 35.

A construção desta sala, que rompe com a axialidade e simetria da arquitectura da *villa*, surge no âmbito de uma fase de remodelação efectuada na residência, em época tardia, enquadrável na vulgarização deste tipo de estruturas, ocorrida durante os sécs. III e IV, embora iniciada a partir do séc. II d.C., nas *domi ostienses*, disseminando-se por todo o império como revelador de luxo aristocrático (Alonso Sánchez, 1983, p. 205).

Esta reestruturação teve como consequência uma alteração estrutural profunda e modificações na dinâmica desta ala da casa. Embora a reorganização arquitectónica consumada careça, ainda, de estudo minucioso e atempado, no intuito de tentar recuperar, quanto possível, a planta original desta zona da *villa*, intentemos sobre aspectos alusivos à sala que nos merecem alguma atenção e análise.

Esta ampla divisão, de planta quadrada, com 77 m² de área interna, desde logo maior que o *triclinium*, foi pavimentada a *opus signinum*, o qual se conserva em razoável estado, apesar das lacunas irregulares, causadas pela abertura de alguns covachos para plantio de oliveiras.

No topo da sala conserva-se uma abside em ferradura¹². Preserva, praticamente, em toda a sua amplitude, assim como a restante sala, à exceção do anexo (31), o rodapé e algum reboco nas paredes.

A sala era profusamente decorada, atendendo ao estuque pintado recolhido aquando do levantamento do derrube, sendo que ainda são visíveis vestígios muito ténues de cor no início do muro do lado direito da abside. Circunstancialidade corroborada pelo

revestimento a mármore da secção da parede onde se desenha a abside, ligeiramente mais saliente que o restante muro, a julgar pelos fragmentos de lajes ainda *in situ*. Porém, seria expectável que tivesse pavimento de mosaico, elemento decorativo habitualmente associado a salas desta natureza e funções.

Possui ao centro uma fonte de planta quadrada, igualmente revestida a mármore, com 2,60 m de lado, sendo que ainda se conservam, *in situ*, algumas lajes nas paredes e na cercadura que a envolve. Estas revelam distintas dimensões e desgaste diferenciado, o que nos leva a suspeitar que se trata de material reaproveitado, eventualmente oriundo das termas. É claramente notória a assimetria verificada na largura do lajeado marmóreo, oscilando esta entre 0,50 m a 1 m e lado, consequência da repavimentação da sala, cujo *opus signinum* foi colocado sobre parte das lajes, quebrando, assim, a harmónica simetria existente.

Quanto ao pavimento, apenas se conserva uma amálgama irregular de *opus signinum*, com várias lacunas, onde se pode descobrir, em algumas partes, o afloramento rochoso. Porém, apesar destes condicionalismos inerentes às limitações impostas pelo estado de conservação que o pavimento apresenta, parece-nos que este ambiente aquático teria cerca de 20 cm de profundidade.

Esta fonte era ladeada por seis colunas de granito, dispostas simetricamente, na proporção de 3 x 3, em dois dos lados, propiciando alinhamento perfeito, não só com os cantos do fecho da abside, mas também com as colunas que ladeiam o corredor 45 do peristilo. Aquando da remoção do derrube no interior deste compartimento, foram recolhidos dois fragmentos de fuste, com 33 cm de diâmetro, os quais pertenceriam às colunas. Destas, ainda se conservam, *in situ*, três pequenos arranques.

No decorrer da escavação da fonte e de uma pequena faixa da sala, a sudeste, onde não se conservou pavimento, identificámos os canais de adução e de abdução da água, aqui utilizados. Enquanto o primeiro, aberto no afloramento e situado sensivelmente à cota do topo da fonte, era constituído por imbrices, a boca de saída de água do segundo canal, estava na base da parede noroeste e deveria prolongar-se ao longo da área assinalada como 33, em direcção à linha de água que se encontra dezenas de metros mais adiante.

Se por um lado a fonte tornaria esta sala mais fresca, por outro, o *compluvium* permitia não só circulação de ar através dos corredores que davam acesso ao jardim, bem como também entrada de luz natural.

¹² Área: 15,30 m² (3,53 m de largo na entrada e 4,43 m de profundidade).

Embora parte significativa do lado direito da sala de representação esteja por escavar, o mesmo não sucede na ala esquerda, já totalmente intervencionada, onde foi identificado um pequeno anexo (31), de planta rectangular, com cerca de 10 m² de área interna. Esta dependência lateral surge do seccionamento do compartimento 32, agora repavimentado a *opus signinum*, em conformidade com a nova sala à qual passou a estar associado. Em data posterior, a colocação de novo pavimento, apenas na sala 37, deixou o chão deste pequeno nicho a uma cota inferior.

Todavia, ainda subsistem outros indícios do compartimento 32, ou, eventualmente, de outra dependência, que terá dado lugar à ampla sala absidada, tais como o desalinhamento da entrada, relativamente ao eixo desta última, assim como a base de coluna em granito, embutida na parede que separa esta sala do corredor 35.

4. Considerações finais

A intervenção arqueológica efectuada na Casa de Medusa revelou o enorme potencial desta *villa* para o conhecimento da presença romana e tardo-antiga numa região periférica do Império Romano, situada a meio caminho entre *Olisipo* e a capital da província da Lusitânia, *Augusta Emerita*. Esta circunstância resulta indiscutivelmente da estreita ligação que a *villa* teve com *Abelterium*, ambas inseridas numa região onde o registo arqueológico parece indicar que terá assumido maior importância durante época tardia do que propriamente em período romano.

Embora se desconheça a verdadeira dimensão da Casa de Medusa, está seguramente longe da extensão da *Villa* de Torre de Palma (Vaiamonte, Monforte), situada a cerca de 25 km de Alter do Chão, considerada uma das maiores *villae* da Península Ibérica (Maloney, 2008, p. 105).

Quanto à planimetria, revela semelhanças com outras *villae* de peristilo rectangular, nomeadamente La Cocosca, Monroy e La Sevillana, embora se encontrem igualmente paralelos com outros *peristylia* de algumas casas de Pompeia, de influência helenística (Fernández Castro, 1982).

A telha, onde aparece pela primeira vez grafado o topónimo da localidade romana, o mosaico figurativo do *triclinium* e diversas peças escultóricas, tais como o golfinho e a cabeça de feminina de criança, atestam, igualmente, o inegável contributo do projecto desenvolvido e do trabalho de investigação em curso.

Bibliografia:

ALARCÃO, Jorge de (1995) – O domínio Romano em Portugal. Mem Martins, Publicações Europa-América, 3.^a Edição.

ALONSO SÁNCHEZ, Ángela (1983) – Las estancias absidiadas en las Villae romanas de Extremadura. Norba. Revista de arte, geografia e historia, n.º 4, p. 199-206.

ANTÓNIO, Jorge e ENCARNAÇÃO, José d' (2009) – “Grafito identifica Alter do Chão como *Abelterium*”, *Revista Portuguesa de Arqueologia* vol. 2, n.º1, 197-200.

CÂMARA MUNICIPAL DE ALTER DO CHÃO (ed.) (2010) – 1.^a Revisão do Plano Diretor Municipal de Alter do Chão. Caracterização e diagnóstico (Alter do Chão).

CARNEIRO, André (2004) – Povoamento Romano no actual concelho de Fronteira. Lisboa, Câmara Municipal de Fronteira, Câmara Municipal de Cascais, Edições Colibri.

CARVALHO, António e ALMEIDA, Maria José (1999-2000) – A *villa* romana da Quinta das Longas (S. Vicente e Ventosa, Elvas): uma década de trabalhos arqueológicos (1991-2001). A Cidade, revista cultural de Portalegre, Portalegre, n.º 13-14, Nova Série, p. 13-37.

CHAVARRÍA ARNAU, Alexandra (2006) – El final de las *villae* en *Hispania* (siglos IV-VIII d.C.), *Bibliothèque de L'Antiquité Tardive*, n.º 7.

COSTA, António Carvalho da (1708) – *Corografia Portuguesa, e Descrição Topografica do Famoso Reyno de Portugal*, Tomo Segundo, Capitulo VII, Lisboa, Valentim da Costa Deslandes (na Officina de).

DURÁN, Mercedes (1993) – Iconografía de los Mosaicos Romanos en la Hispania alto-imperial, Con la colaboración de l'Àrea d'Història Antiga i d'Història de l'Art, Universitat Rovira i Virgili, Barcelona.

FERREIRA, António Manuel Brazão (1980) – Trabalhos Arqueológicos no “*Ferragial d'El-Rei*” (*Alter do Chão*) (*Relatório a que referem o 12.º, da Portaria n.º 269/78, com a nova redacção que lhe deu a Portaria n.º 195/79 e o artigo 13.º daquela mesma portaria n.º 269/78 de 12 de Maio*), *Mação*.

FERREIRA, António Manuel Brazão (1981) – *Relatório definitivo dos trabalhos arqueológicos levados a efeito na Estação Romana do “Ferragial d’El-Rei”, em Alter do Chão (Portalegre), de 1 a 15 de Agosto de e autorizados pelo despacho de sua Ex.^a o Secretário de Estado da Cultura de 5 de Maio de 1980 – Processo 79/1 (38), Mação.*

FERREIRA, António Manuel Brazão (1983) – *Relatório definitivo dos trabalhos executados em Setembro de 1982, de acordo o s Anexo 1 da Circular 1. (Plano Nacional de Trabalhos Arqueológicos 1983) do Departamento de Arqueologia do Instituto do Património Cultural, Mação.*

FERNÁNDEZ CASTRO, María Cruz (1982) – *Villas romanas en España.* Madrid, Ministerio de Cultura. Dirección General de Bellas Artes, Archivos y Bibliotecas.

GARCÍA-ENTERO, Virginia (2003-2004) – *Algunos apuntes sobre el jardín en Hispania, AnMurcia, 19-20, p. 55-70.*

GELL, William (1835) – *Pompeiana: The topography, edifices and ornaments of Pompeii, the result of excavations since 1819.* London, Vol. II.

GUARDIA PONS, Milagros (1992) – *Los mosaicos de la Antigüedad Tardía en Hispania. Estudios de iconografía.* Promociones y Publicaciones Universitarias, Barcelona.

MACIEL, M. Justino (2006) – *Vitrúvio. Tratado de Arquitectura.* Tradução do latim, introdução e notas por M. Justino Maciel. Instituto Superior Técnico. Lisboa.

MALONEY, Stephanie (1999-2000) – *As escavações da Universidade de Louisville na Villa de Torre de Palma, Portugal 1983-2000: alguns resultados preliminares. A Cidade, revista cultural de Portalegre, Portalegre, n.º 13-14, Nova Série, p. 105-120.*

OLEIRO, J. M. Bairrão (1956) – *“Sondagens arqueológicas no Ferragial d’El-Rei (Alter do Chão)”, Archaeologica, separata de Humanitas, vols. IV and V da nova série (vols. VII e VIII da série contínua), 283-284.*

PEREIRA, Felix Alves (1912) – *“A Ponte Romana de Vila Formosa (Alter do Chão)” – In: O Arqueólogo*

Português, Vol. XVII, n.º 10 a 12, Lisboa, Museu Etnológico Português, p. 216.

PETRO, Wesselingio (1735) – *Vetera Romanorum Itineraria, Amstelaedami.*

REIS, Maria Pilar e CORREIA, Virgílio Hipólito (2006) – *Jardins de Conimbriga: Arquitectura e gestão hidráulica.* Barcelona. *The archaeology of crop field and gardens.* Proceedings of the 1.st Conference on Crop Field and Gardens Archaeology, p. 293-31

AS TERMAS DE ABELTERIVM

BREVE ANÁLISE DO QUE SE CONHECE

Maria Pilar Reis

RESUMO:

O edifício termal da antiga *Abelterium* é o corolário de uma interessante sequência de etapas que recuam até um primeiro balneário privado, ampliado numas termas possivelmente de cariz público, e que num derradeiro momento foram utilizadas como basílica cristã nos séculos VI/VII. Aqui apresentamos um breve ensaio de leitura da sua extensa história.

PALAVRAS-CHAVE:

Termas, vicus, água, *Abelterium*, *hypocaustum*, latrinas.

RESUMEN:

El edificio termal perteneciente a la antigua *Abelterium* es el corolario de una interesante secuencia de momentos que habrán tenido inicio en un balneario privado, ampliado en unas termas posiblemente de carácter público, y que por fin fueron utilizadas como basílica cristiana en el siglo VI/VII. Aquí presentamos un breve ensayo de lectura de su dilatada historia.

PALABRAS CLAVE:

Termas, vicus, agua, *Abelterium*, *hypocaustum*, latrinas

Séneca dizia que os primeiros romanos apenas lavavam, quotidianamente, os braços e as pernas, e que o banho completo era reservado para os dias de mercado. Mas esta sentença apenas se referia aos longínquos tempos da República, em breve substituídos por uma predilecção comunitária pelo banho diário, que se transformou num acto social de máxima importância para a sociedade romana. O banho foi tão importante para os romanos que o edifício no qual se desenrolava todo o “ritual” se transformou num dos mais emblemáticos símbolos da presença de Roma, mesmo em províncias do império tão longínquas como a Lusitânia.

Recuemos até ao séc. I d.C., sem esquecer que quando nos referimos às termas romanas não nos devemos deixar confundir pela noção actual de termas e, muito menos, pelos agora tão afamados *spa*, que

correspondem a um conceito puramente contemporâneo. As qualidades terapêuticas das águas eram bem conhecidas pelos romanos, sendo estas propriedades salutíferas atribuídas à presença de deuses e ninfas. Muitas dessas fontes foram aproveitadas em época romana, como aliás aconteceu com as vizinhas termas de Cabeço de Vide, onde, em 1819, durante a construção do primeiro edifício termal, se encontraram numerosos vestígios de canalizações e tanques revestidos a mármore, provavelmente pertencentes a um edifício termal romano. Estabelecemos então uma primeira separação entre os, assim chamados, edifícios termais terapêuticos e os higiénicos, sendo estes últimos os que aqui nos interessam.

1. O “ritual” do banho

Os textos clássicos são as fontes principais para conhecermos os passos do banhista romano. As palavras dos médicos Celso e Galieno, mas também os testemunhos do poeta Marcial, de Séneca, Plínio ou de Petrónio, ou ainda os tratados de arquitectura de Vitrúvio e Paládio, são fundamentais para entendermos as termas romanas.

O banhista entrava no edifício e despia-se no *apodyterium*, um vestuário onde normalmente existiam bancos e armários ou nichos na parede destinados às roupas e aos pertences pessoais. Depois era friccionado com óleos perfumados, para de seguida praticar alguns exercícios, entre os quais alguns jogos de grande sucesso realizados com uma bola, que tanto poderiam decorrer no interior ou no exterior do edifício. Após esta primeira “sudação” estava o banhista pronto para embarcar no processo termal propriamente dito. Ele teria várias escolhas à sua disposição. O percurso mais comum iniciava-se com a visita à sala tépida, *tepidarium*, onde calçaria umas sandálias em madeira, para não queimar os pés. Deste ambiente passava para a sala mais quente, o *caldarium*, retornando à sala tépida, e transitando para a sala fria, o *frigidarium*. Neste

percurso podia o banhista integrar outras acções, dependendo da dimensão e luxo do edifício termal, mas também do gosto pessoal. Por exemplo, poderia optar por visitar a sala mais quente (*sudatorium*) ou tomar um banho de imersão nas banheiras de água quente (*alvei*) situadas no *caldarium* ou, se assim o permitisse o balneário, nadar na piscina exterior, a *natatio*. Durante este processo, e possivelmente no *tepidarium*, o banhista era “raspado” com um *strigilis*, uma espécie de raspador que servia para retirar o óleo do corpo e as sujidades. A ordem e o número de vezes que o banhista recorria este percurso eram do livre arbítrio de cada um, apesar de médicos como Celso recomendarem iniciar o banho na sala mais quente e alternar com banhos frios. Nas termas de *Abelterivm* era possível seguir quase todos estes passos.

2. As termas de *Abelterivm*

Apesar de o edifício termal que podemos visitar em Alter do Chão ser a sùmula de vários momentos construtivos, ensaiamos aqui uma proposta que nos permite entender o funcionamento desta importante construção.

O primeiro edifício era pequeno e desenvolvia-se



Fig. 1: Termas de *Abelterivm*

linearmente num conceito arquitectónico simples. É difícil distinguir os contornos da primeira fase da zona fria termal. O estado actual da escavação não nos permite entender como se procedia o acesso a este primeiro recinto termal, nem como se desenhava o edifício na sua vertente oriental; todavia, percebemos que neste primeiro balneário, uma zona fria, se estendia para poente, porventura funcionando como *frigidarium* e *apodyterium*, se aceitarmos que a pequena piscina com dois degraus, situada a oeste (15), faria parte deste primeiro balneário. Daqui entrava-se num *tepidarium*, (14) de planta quadrangular e aquecido por um *hypocaustum*, do qual apenas podemos observar o pavimento da segunda fase. Este *tepidarium* dava acesso ao *caldarium* (8), também ele de planta quadrangular, sendo ambos os espaços aquecidos por uma fornalha situada a oeste. No lado sul do *caldarium*, um pequeno espaço rectangular (7), também ele aquecido por meio de um *hypocaustum*, deverá ter contido um *alveus*, ou seja, uma pequena piscina de água quente, neste caso, com uma capacidade aproximada para quatro pessoas.

Num momento posterior, de difícil datação, alguns dos espaços deste edifício são remodelados. Presumivelmente o *tepidarium* é ampliado para sul e repavimentado com placas de mármore das quais se

conservam os negativos na argamassa. Talvez nesta mesma empreitada é refeito o sistema de aquecimento parietal, do qual se conservam, nesta sala, os vestígios dos encaixes com o pavimento. É provável que a par destas intervenções se remodelassem a sala 12 e o *frigidarium*, ampliado com a construção de uma nova piscina de água fria, de maiores dimensões que a anterior. Por fim, e talvez volvidos poucos anos, todo o edifício é remodelado e ampliado. A sul são construídas duas novas salas aquecidas (19 e 18) e a oeste outras duas (9 e 5), bem como integrado um pequeno *sudatorium* (10, sauna de ar seco). Esta expansão da área termal, e remodelação da existente, exigiram um realinhamento do espaço. Todo o sistema de aquecimento teve de ser repensado. A zona fria foi alargada para acompanhar o conjunto e uniu uma segunda zona aquecida, situada a nascente (25), mas da qual nada podemos dizer para além da existência de *suspensurae*, pois ainda não foi escavada. As salas aquecidas que nesta fase foram levantadas aproveitaram o declive do terreno para construir os *hypocausta*. A sala 19, com uma clara diferença de cota em relação ao antigo edifício, conserva os negativos de uma possível escadaria na parede norte e as bases dos arcos pertencentes à *suspensurae*, que suportou o nível



Fig. 2: Pavimento sobre *suspensurae* da sala 14

de circulação e que era aquecido por uma fornalha situada a sul, alinhada a uma outra fornalha que aqueceu a sala contígua (18) parcialmente escavada e que conserva, desabado, o pavimento original. Um espaço de dimensões consideráveis (com cerca de 60 m²) alinhava com este novo acrescento a oeste (9 e 5). Aqui, a antiga fornalha do *caldarium* foi englobada pelo novo espaço aquecido, e parcialmente demolida para servir como suporte do novo pavimento. É provável que neste novo espaço estivesse um *alveus* (piscina de água quente) encostado à parede oeste e directamente

aquecido pela fornalha contígua, da qual se conservaram também os degraus de acesso à caldeira, e, no lado oposto, a base do que seria a pequena cisterna de abastecimento.

A norte deste grande *caldarium* foi construído o *sudatorium* (10), com pouco mais de 6 m² onde o banhista podia experimentar, num ambiente seco, a temperatura mais elevada de todo o espaço termal.

Daqui, o banhista podia retornar no espaço frio, *frigidarium*, e fazer uma breve imersão numa das piscinas de água fria (15 e 22). O estado actual da



Fig. 3: Primitiva fornalha entre a sala 8 e 9



Fig. 4: Pormenor do sistema de *suspensurae* entre a sala 8 e o espaço 7

escavação ainda não nos permite entender qual a relação entre esta zona do edifício termal e as salas situadas a norte. Na mais afastada conservaram-se no pavimento as marcas do que terá sido uma fonte (12). Terá sido um *labrum* (fonte de água fria)?

Neste mesmo conjunto um outro espaço desperta a nossa atenção. Parte de uma “sala” revestida com um reboco impermeabilizante ocupa a zona central de um pátio circundado por quatro corredores dos quais apenas três se encontram escavados. Para que serviu este espaço? Seria uma cisterna que abasteceu o conjunto termal? Ou serão estes os vestígios de uma piscina ao ar livre? Não nos faltam exemplos de piscinas ao ar livre com estas dimensões. Numa fase anterior do edifício termal da *villa* de Pisões¹ (Beja) uma pequena piscina de 6 m por 4,5 m ocupava o centro de um amplo ambiente. Na *villa* de São Lourenço², em Monsanto (Idanha), uma piscina de dimensões semelhantes às de Alter do Chão estava no interior do balneário; já no Monte da Ovelheira³, em Ajuda (Elvas), uma impressionante *natatio* com cerca de 10 metros de comprimento e escadaria de acesso integrava um edifício termal de presumível natureza privada. Mas em Cerro da Vila⁴, no Algarve, o majestoso edifício termal tem uma *natatio* de dimensões semelhantes às

do edifício de Alter, e o edifício termal augustano que em Conimbriga antecedeu as imponentes Termas Sul oferecia aos banhistas uma *natatio* de planta quadrangular, com 10,25 m de lado e rodeada por um pórtico⁵. Todavia, estes exemplos não dissipam todas as dúvidas sobre a verdadeira funcionalidade deste espaço.

As águas provenientes desta estrutura, das piscinas do *frigidarium* e de outras construções situadas a oriente, na zona não escavada, desaguavam para sul através de uma vasta rede de canalizações subterrâneas. Presentemente podem-se observar algumas delas que serpenteiam no pavimento do *frigidarium* e cujo destino é uma cloaca de direcção este/oeste. Esta cloaca, escavada na rocha e seguindo a pendente do terreno, conduzia a um outro espaço, situado fora do edifício termal, mas com ele relacionado.

A uma prudente distancia e com orientação divergente, foram construídas as latrinas (2), ou *foricae* se aceitarmos a sua utilização pública. Com aproximadamente 10 m², eram um pequeno edifício com um banco feito em alvenaria, encostado a duas das suas paredes e no qual assentavam placas, talvez de mármore, com um orifício ovóide, muito semelhante aos actuais assentos sanitários. Por baixo do banco



Fig. 5: Pormenor latrinas

¹ Reis, 2004: n.º 039; García Entero, 2005: p. 385 - 389

² Reis, 2004: n.º 056; García Entero, 2005: p. 406

³ Reis, 2004: n.º 088; García Entero, 2005: p. 456

⁴ Reis, 2004: n.º 066; García Entero, 2005: p. 434 - 436; Teichner, 2008: p. 271 - 409

⁵ Reis, 2004: n.º 006.

corria a água proveniente da cloaca, assegurando a limpeza constante do canal. No pavimento, junto a uma das paredes, conserva-se, ainda hoje, a marca do que terá sido uma pequena fonte, que permitia aos utilizadores lavarem as mãos e molharem as esponjas com que se lavavam. Não eram estas latrinas individuais, mas sim colectivas, numa intimidade para nós impensável, mas comum em época romana. Estas latrinas estavam situadas junto à zona de serviço do edifício termal, área que permitia o acesso às fornalhas alimentadas pelos escravos, bem como a três pequenas salas quadrangulares (2, 3 e 4) provavelmente dedicadas ao armazenamento da lenha e dos utensílios relacionados com o funcionamento das termas.

A decoração deste edifício incluía revestimentos com placas de mármore, mas desconhece-se se recebeu outro tipo de acabamentos, ainda que das primeiras campanhas de escavação se refiram fragmentos de estuque e pintura figurativa representando elementos vegetais. A sala 12 esteve decorada com um mosaico do qual se conservam alguns testemunhos, sendo de destacar a sua larga moldura em espiga. Das escavações mais antigas são provenientes alguns materiais que poderão vir a ser associados a este edifício termal, um fragmento de estuque com a representação de um volto feminino poderá ter pertencido às paredes da sala 12. Também nestas salas foram recolhidos dois fragmentos de base de estátuas. Uma base com um pé direito e a tibia esquerda encostada a um tronco, que poderá corresponder a uma representação de Dionísio jovem com o tronco onde apoiava a lira, datável do século I ou II⁶. Uma segunda base, fragmentada, é também daqui proveniente, conservando dois pés em posição de *contrapposto*. Pertenceria a uma representação dita de vulto redondo, ou seja, que podia ser admirada de todos os ângulos⁷. Já nas últimas campanhas de escavação foi recolhida uma cabeça de estátua representando uma menina, mas esta estava associada ao interessante *viridarium*⁸ que anunciava a magnífica sala decorada com o mosaico representando o rei Turnus, ajoelhado perante Eneias, pedindo clemência⁹, um dos derradeiros episódios da Eneida de carregado conteúdo moral¹⁰. Mas deveremos aguardar pela

publicação, e estudo, do espólio das campanhas arqueológicas para melhor entender os programas decorativos destas termas.

3. Públicas ou privadas: a natureza do edifício termal.

Mas seriam estas termas públicas ou privadas? A questão não tem resposta simples. Por um lado temos as características estruturais deste edifício termal, com uma dimensão e número de salas aceitáveis num contexto público, ou mesmo de exploração comercial privada, por outro lado, devemos compreender o enquadramento deste edifício. O edifício termal encontra-se no seguimento de um corredor de uma *domus*¹¹, de indiscutível valor artístico, separado desta por um espaço porticado ao centro do qual pode ter funcionado uma *natatio* (11). Mas as termas não surgem inegavelmente ligadas e alinhadas a esta *domus*¹². Há uma ligeira torção dos alinhamentos ainda que no geral a orientação da estrutura seja idêntica. Outro ponto de desunião é a planta equilibrada, e em esquadria, da *domus*, com um discurso decorativo estruturado em torno a um jardim decorado com fontes e estatuária, em oposição à planta do edifício termal, com desalinhos e sucessivas readaptações de espaços e sem aparente relevância decorativa do seu interior, à parte dos revestimentos em mármore, que nesta região não devem ser olhados como uma excepção. Seria pois este edifício o balneário da *domus*? Assim poderá ter sido numa fase inicial que apesar da ausência de registo estratigráfico poderíamos recuar a meados, finais, do século I, ocorrendo uma desanexação numa fase posterior. Deverá ser procurado um muro limite da *domus* algures entre o cubículo sudoeste da casa e o espaço porticado (11) com ou sem *natatio*. A sala 12, decorada com mosaico, e com um *labrum* central, não faria parte da *domus*, ou se fez deverá recuar a uma fase anterior.

Pode-se conjecturar que a entrada às termas era realizada a sudoeste, ou seja, por um amplo corredor, a ambos os lados do qual se desenrolavam os espaços aquecidos, ou através de uma outra solução a sudeste, que a área actualmente escavada não permite antever.

É também necessário asseverar a natureza jurídica deste núcleo. Todos os indícios apontavam para associar estas estruturas a *Abelterium*, *mansio* referida no

⁶ Gonçalves, 2007: n.º 281; Jorge Alarcão e Helena Paula Carvalho associaram esta base de estátua a uma possível representação de uma Vénus.

⁷ Gonçalves, 2007: n.º 282.

⁸ Caetano et al. 2011: p. 221; António, 2011: p. 431 - 434

⁹ Caetano et al. 2011: p. 205 - 220

¹⁰ Burnell, 1987:186-200.

¹¹ Caetano et al. 2011: p. 221; António, 2011: p. 431 - 434

¹² Nesta mesma revista Jorge António sugere uma outra leitura e propõe ser esta uma *villa* suburbana da *Abelterium*.

itinerário antonino¹³, dúvida definitivamente esclarecida, pelo menos no que diz respeito ao topónimo, pelo achado de um *imbrex* grafitado proveniente da cobertura da *domus*¹⁴. Se este núcleo chegou a ser capital de *civitas*, como é sugerido por alguns autores, é questão ainda não resolvida, mas estas termas poderiam, sem margem para dúvidas, estar integradas num importante *vicus*, que certamente desempenhou um papel fundamental neste eixo viário entre Olisipo e a capital lusitana Augusta Emerita, do qual em Alter se localizou um miliário de Constâncio Cloro¹⁵, e ao qual está associada a magnífica ponte de Vila Formosa, sobre a ribeira de Seda. Assim sugerimos anteriormente¹⁶ e as sucessivas ampliações do edifício, bem como a sua ampla zona aquecida, ainda que compartimentada, são compatíveis com uma utilização semipública. Um espaço inicialmente privado que seria alugado pelo proprietário para exploração, como no sempre citado exemplo da casa de Iulia Felix, em Pompeia.

Ainda que se desconheça a estrutura urbana deste *vicus*, a presença de uma robusta estrutura sobre a qual se ergueu o castelo de Alter, algumas marcas visíveis nos levantamentos aerofotogramétricos e a presença de uma necrópole tardo-romana¹⁷ importante na área sul da vila actual, associada à via romana, são fortes indícios de um aglomerado secundário que poderá ter tido uma expressão urbana importante. Encontramos outros exemplos lusitanos de *vicus* como Monte da Nora (Elvas) ou Tróia (Setúbal) onde também existe um edifício termal, sem dúvida articulado com a actividade fabril que aí se desenrolava em larga escala, e salvaguardando as distâncias entre ambos os edifícios termais, um modelo a ter em conta quando abordamos as termas de *Abelterium*. Note-se que a área das termas de *Abelterium*, ainda não totalmente definida, já é superior à das termas da Muralha, em Conimbriga, estas últimas indiscutivelmente de natureza pública.

4. Construção, utilização e abandono das termas e a sua reutilização

Não contamos com dados estratigráficos, nem com estudo de espólio, das campanhas de escavações que libertaram da terra estas termas. Não obstante a publicação dos resultados das sucessivas campanhas, e

mesmo um breve relato de Maria Cândida Hespanha¹⁸, não se esclarece esta questão, remetendo para um abrangente século II. As campanhas dos anos oitenta também não aclararam qualquer interpretação estratigráfica. São, pois, os muros e alguns dos pavimentos, sendo de salientar que duas das salas (18 e 14), pelo menos, conservam o seu pavimento original ainda assente sobre *suspensurae*, os únicos testemunhos dessa sequência construtiva e que num futuro deverão ser objecto de um cauteloso e acurado estudo. É provável que a utilização deste edifício, que condensa sucessivas reparações, ampliações e readaptações, se tenha prolongado por um período distendido, mas a sua reutilização no séc. VI também é um bom indicativo da longevidade deste equipamento.

No interior da piscina de maiores dimensões do frigidarium foram depositados três enterramentos, em sepulturas feitas com material reutilizado, inumações datadas por radiocarbono entre o séc. VI e VII¹⁹. A organização destas sepulturas e a colocação de um novo pavimento em *opus signinum* no frigidarium são indícios da reconversão deste espaço num *oratorium*, ou mesmo numa basílica à qual estaria associada uma necrópole. A reutilização do edifício termal, que estaria ainda em boas condições, e a sua reconversão em espaço sagrado, vem na esteira do que se tem vindo a documentar noutros núcleos urbanos, como por exemplo em Conimbriga, onde as majestosas Termas Sul terão sido em parte reaproveitadas como espaço religioso, ao qual se associava uma vasta necrópole. É também algo vulgar que a escolha dos novos espaços de culto recaísse sobre antigos edifícios termais, não tanto por questões morais, ainda que estas não fossem esquecidas, mas fundamentalmente práticas: eram edifícios com piscinas utilizáveis como baptistérios e salas amplas que acolhiam a reunião dos fiéis. Assim é também interessante observar como alguns equipamentos termais são reconvertidos em espaços sagrados da nova religião vigente²⁰, enquanto outros se mantiveram abertos ao público, evoluindo para edifícios com outras características arquitectónicas menos sumptuosas, e arquitectonicamente de maior simplicidade.

Sinais de novos tempos em *Abelterium* são as marcas que actualmente observamos no interior do pátio porticado com *natatio* (11). No centro foi aberto um

¹³ Carneiro, 2008: p. 62, 63; Mantas, 2012: p. 169 – 171.

¹⁴ Encarnação, António, 2009: p. 197 – 200.

¹⁵ Encarnação, Nisa, 2006: n.º 374.

¹⁶ Reis, 2004: n.º 083

¹⁷ Reis, António, 2011: p. 435 – 438\1

¹⁸ Hespanha, 1963

¹⁹ António, 2011: p. 433

²⁰ Jiménez Sánchez, Sales Carbonell, 2004.

poço e eventualmente instalado um sistema de elevação de água do qual apenas se conservam os negativos no pavimento. Não se encontra datado, mas será de época medieval, ou mais recente.

Depois, o edifício termal, e a *domus*, serão esquecidos e o buliço dos banhistas apenas recordado pelas vozes dos turistas.

Bibliografia

Jorge António, José d'Encarnação, "Grafito identifica Alter do Chão como Abelterium", *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 12. 1, 2009: p. 197 – 200.

Jorge António, "Projecto de recuperação e valorização da estação arqueológica de Alter do Chão", *Arqueologia do Norte Alentejano, comunicações das 3ª jornadas*, Lisboa, Edições Colibri, 2011: p. 430 – 434

Peter Burnell, "The Death of Turnus and Roman Morality", *Greece & Rome, Second Series*, Vol. 34, No. 2, Cambridge University Press, 1987: p. 186-200

Mª Teresa Caetano, Cátia Mourão, Jorge António, "A "Portrait" of Book XII of the *Aeneid*: the Mosaic of the «House of the Medusa (Portugal, Alter do Chão)", *XI International Colloquium on Ancient Mosaics (2009)*, AIEMA, Bursa, 2011: p. 205-224

André Carneiro, *Itinerários Romanos do Alentejo. Uma releitura de "As grandes vias da Lusitânia – o itinerário de Antonino Pio de Mário Saa cinquenta anos depois*, Edições Colibri, 2009

Virginia García Entero, *Los balnea domésticos – ámbito rural y urbano en la Hispania Romana*, Anejos de Archivo Español de Arqueología, Madrid, 2005

Luís Jorge Gonçalves, *Escultura romana em Portugal: uma arte do quotidiano*, Studia Lusitana, 2, MNAR, Mérida, 2007.

Maria Cândida Hespanha, *Estudo comparativo das termas romanas em Portugal*, Tese de licenciatura, Coimbra, 1963.

Juan Antonio Jiménez Sánchez, Jordina Sales Carbonell, "Termas e iglesias durante la antigüedad tardía: ¿reutilización arquitectónica o conflicto religioso? Algunos ejemplos hispanos.", *Sacralidad y Arqueología: homenaje al Prof. Thilo Ulbert*, XXI, 2004: p. 185-201.

Vasco Mantas, *As vias romanas da Lusitânia*, Studia Lusitana, 7, MNAR, Mérida, 2012.

Maria Pilar Reis, *Las termas y balnea de Lusitania*, Studia Lusitana, 1, MNAR, Mérida, 2004.

Marta Pinto Reis, Jorge António, "Alter do Chão na antiguidade tardia: estudo de antropologia funerária", *Arqueologia do Norte Alentejano, comunicações das 3ª jornadas*, Lisboa, Edições Colibri, 2011: p. 435 – 438

Felix Teichner, *Entre tierra y mar*, Studia Lusitana, 3, MNAR, Mérida, 2008.

A NECRÓPOLE TARDO-ANTIGA DA CASA DE MEDUSA

Jorge António
(Município de Alter do Chão)

RESUMO:

A Necrópole Tardo-Antiga da Casa de Medusa é um espaço de enterramento edificado nas termas da *villa* romana, durante os sécs. VI-VII, para sepultar membros do grupo familiar que deveria, eventualmente, habitar na Casa de Medusa, os quais pertenceriam às classes privilegiada de *Abelterium*.

Neste trabalho pretendemos apresentar um primeiro estudo da necrópole, a integrar num trabalho de investigação mais aprofundado e alargado a outros espaços de enterramento coetâneos da região e em particular em torno de *Abelterium*.

PALAVRAS-CHAVE:

Antiguidade-Tardia, necrópole, *villa*, termas.

ABSTRACT:

The Late Roman Necropolis of Medusa's House it's a burial site built upon the baths of the roman *villa*, between the 6th century and the 7th century, to bury family members that inhabited Medusa's House, wich belonged to the privileged social class of *Abelterium*. In this paper we intend to present a first study of the necropolis, to be included in a further investigation research about other contemporary burial sites, but mainly about the ones around *Abelterium*.

KEY WORDS:

Late Antiquity, late roman necropolis, *villa*, bath.

1. Localização e descoberta

A necrópole foi edificada numa piscina do *frigidarium* das termas da *villa* romana da Casa de Medusa, situada em Ferragial d'El-Rei, Alter do Chão.

Os túmulos foram descobertos em Abril de 2005 e intervencionados¹ no decorrer das escavações efectuadas no âmbito do "Projecto de Recuperação e Valorização da Estação Arqueológica de Alter do Chão".

2. A Necrópole Tardo-Antiga

2.1. Contextualização do espaço funerário

No período que medeia entre o final da primeira metade do séc. VI e o final da primeira metade do séc.

VII², já numa fase de total abandono e ruína das termas, uma das piscinas do *frigidarium* foi transformada em necrópole. Contudo, a desactivação e degradação dos banhos e a alteração radical da sua função original, apenas atestam a desintegração do *modus vivendi romanorum*, mas não, forçosamente, o abandono da área residencial das *villae*³. Como tal, as inumações da Necrópole da Casa da Medusa poderão corroborar a persistência de ocupação da *villa* por uma aristocracia rural, a qual quis manter-se vinculada ao local de residência.

¹ Acompanhamento antropológico efectuado pela antropóloga Marta Pinto Reis.

² Datas obtidas por Radiocarbono no ITN, de dois fémures (Sep. 2/Ent. 1 e Sep. 3/Ent. 2).

³ Pensamos que durante a Antiguidade Tardia, também a *pars urbana* da *Villa* Romana da Quinta do Pião tenha sido utilizada simultaneamente como residência e necrópole.

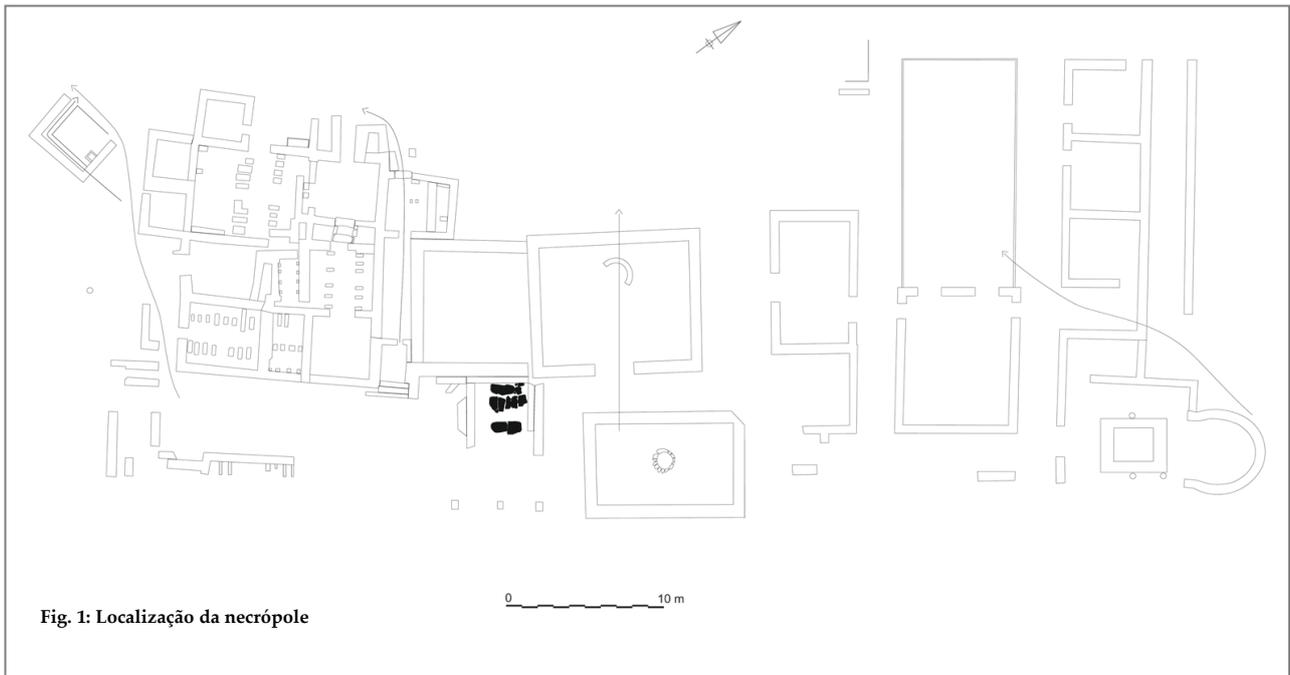


Fig. 1: Localização da necrópole

Na Lusitânia são pouco habituais os exemplos de reconversão de edifícios termais em necrópoles, ao contrário do que se verifica, por exemplo, na Catalunha e na Península Itálica (Carneiro, 2009). No que se refere ao actual território português, está documentado outro caso, designadamente, a necrópole da Herdade dos Pombais (Marvão), junto à fronteira com Espanha.

2.2. Sepulturas

As sepulturas foram construídas no interior de um tanque rectangular, com cerca de 3,30 m de largura, mas de comprimento indeterminado, por não se encontrar totalmente escavado a sudeste.

A boa construção e o enquadramento arquitectónico que apresentam indiciam, claramente, uma organização

estruturada e programada. Pois, a reconversão deste local de banho numa necrópole, suscitou uma apurada gestão do espaço, tendo em conta os evidentes condicionalismos físicos impostos pela dimensão do mesmo, acrescidos do tamanho e peso dos materiais de construção utilizados nas campas. Como tal, supomos que a sequência de construção destas terá sido 3-2-1. Enquanto as sepulturas 2 e 3, encostadas ao muro noroeste da piscina, foram estruturadas de forma geminada, na medida em que partilham a parede que separa os enterramentos, a sepultura 1 foi individualizada e ligeiramente afastada destas por 45 cm.

Fig 2: Sepulturas

| Sep. | Orientação | Forma | Dimensões (cm) | | | Aparelho de Construção | | | | |
|------|------------|-------------|----------------|-------|-------|------------------------|---|---|---|--|
| | | | Comp. | Larg. | Prof. | Tampas | Cabeceiras | Pés | Paredes | Bases |
| 1 | SO/NE | Rectangular | 211 | 59/- | 49 | 2 lajes de xisto | Fragmento de parede de <i>opus signinum</i> , telha e pedra | Parede da piscina do <i>frigidarium</i> | Silhares de granito, <i>opus signinum</i> e pedra diversa | Pavimento de <i>opus signinum</i> da piscina do <i>frigidarium</i> |
| 2 | SO/NE | Rectangular | 210 | 53/50 | 47,5 | 5 lajes de xisto | Elemento arquitectónico em granito | Parede da piscina do <i>frigidarium</i> | Silares de granito, tambor de coluna, fragmento de parede e argamassa e pedra diversa | Pavimento de <i>opus signinum</i> da piscina do <i>frigidarium</i> |
| 3 | SO/NE | Rectangular | 203 | 50/40 | 53 | 2 lajes de xisto | Silhar de granito, xisto e pedra diversa | Parede da piscina do <i>frigidarium</i> | Silhares de granito, xisto, tambor de coluna, imbrice e pedra diversa | Pavimento de <i>opus signinum</i> da piscina do <i>frigidarium</i> |

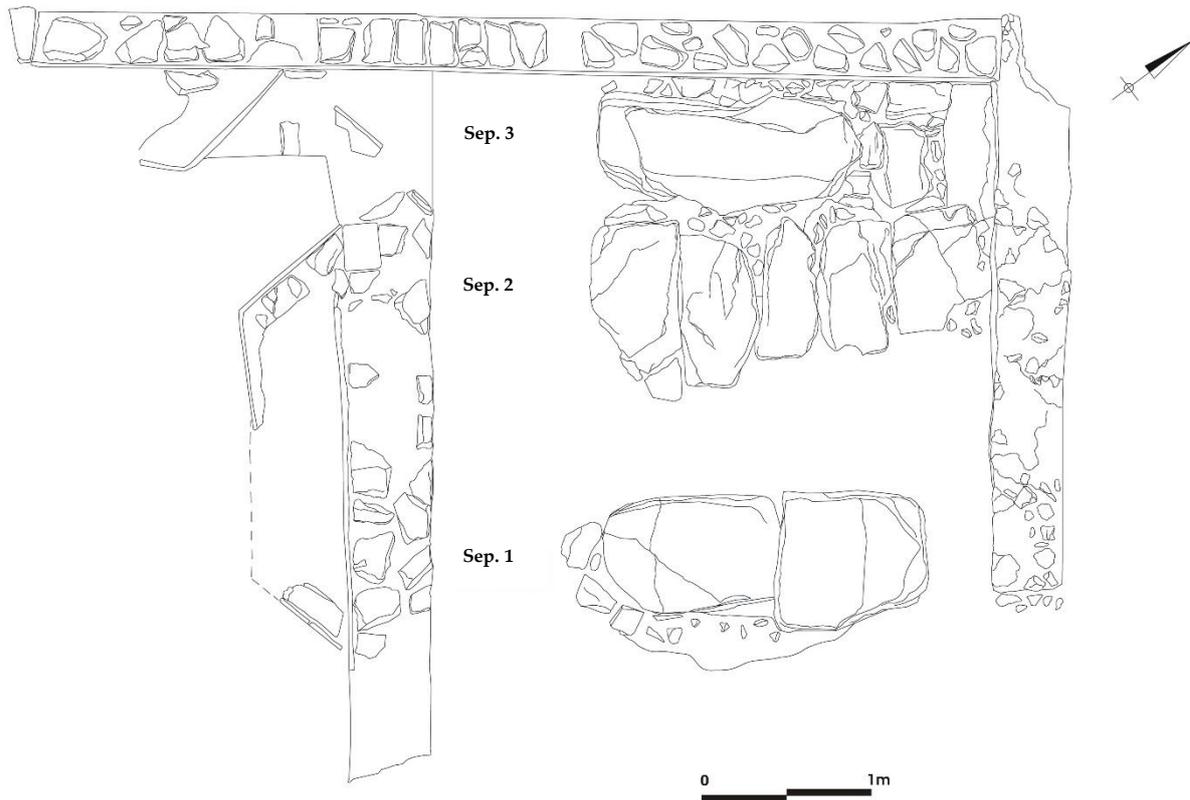


Fig. 3: Necrópole (piscina do *frigidarium*)⁴

Porém, não sendo explícito, o que se desenha neste enquadramento sepulcral suscita apreciações divergentes, porquanto a organização levada a efeito tanto poderá ser meramente ocasional como intencional. Se considerarmos que a disposição das sepulturas foi programada, esta poderá estar relacionada com a gestão do espaço e com a natureza dos materiais de construção utilizados ou, ainda, com a maior proximidade afectiva dos inumados na sepultura 2 e 3, em relação ao inumado na sepultura 1.

Após a edificação dos túmulos, nos quais foi utilizado material de construção romano, à semelhança do que se verifica nas Necrópoles Tardo-Antigas da Quinta da Cerca⁵ e da *Villa Romana* da Quinta do Pião⁶, a piscina foi entulhada e compactada com escombros,

fauna e material arqueológico⁷. Este enchimento intencional traduz, inequivocamente, preocupações relacionadas com a estabilização estrutural das sepulturas e acautelar a libertação de cheiros indesejáveis, resultantes da putrefação dos corpos.

Nas coberturas foram utilizadas lajes de xisto, algumas de grande dimensão e peso considerável. Enquanto nas sepulturas 1 e 3 foram usadas duas lajes, dispostas longitudinalmente, na 2 atestámos cinco, colocadas transversalmente. Relativamente às paredes, verificámos a utilização de fragmentos de *opus signinum*, silhares de granito, um tambor de coluna e pedra diversa. As cabeceiras encontram-se bem estruturadas, sendo igualmente concebidas com material variado, designadamente um elemento arquitetónico e um silhar de granito, fragmento de parede em *opus signinum*, telha e pedra. Esta situação

⁴ Este desenho, bem como os restantes apresentados no presente artigo, são da autoria de Hermínia Santos.

⁵ Situada, em linha recta, a cerca de 350m a Sudeste da Necrópole da Casa da Medusa.

⁶ Localiza-se a cerca de 7km, pela Estrada Nacional 369, em direcção a Cabeço de Vide.

⁷ Terras, argamassas, pedras de diversas dimensões, fragmentos de telhas, tijoleiras, cerâmica comum, *sigillata*, estuque pintado, vidro e escória de vidro.

contrasta com os pés, uma vez que nenhuma delas apresenta travamento individualizado, pois as extremidades das paredes foram adossadas directamente ao muro do *frigidarium*. De referir, ainda, que os enterramentos foram inumados sobre o pavimento de *opus signinum* da piscina, no qual assenta também todo o aparelho de construção das sepulturas.

O estado de conservação que apresentam, nomeadamente a 2 e 3, ao contrário da 1, encontrada parcialmente destruída na zona dos pés, permitiu caracterizar não só o aparelho de construção utilizado, como definir a forma rectangular das mesmas. No que concerne às dimensões, o comprimento interno oscila entre 203 e 211 cm, enquanto a largura⁸ varia entre 40 e 59 cm e a profundidade entre 47,5 e 53 cm. Importa igualmente realçar que a piscina do *frigidarium* condicionou a disposição dos túmulos e, por consequência, a orientação sudoeste/nordeste dos enterramentos inumados.

2.3. Enterramentos

A sepultura 1 revelou um histórico particularmente singular, pelo que suscita uma análise detalhada do contexto do sepultamento. Aquando da escavação verificámos que apesar de ter sido encontrada com duas grandes lajes de xisto a servir de tampa, aparentemente *in situ*, a zona dos pés apresentava-se destruída. Após a remoção destas, atestámos que cerca de 2/3 do túmulo se encontrava preenchido com terra. No decorrer da sequente escavação levada a efeito, constatou-se inexistência de inumação em conexão anatómica. Porém, recolheram-se dois fragmentos de crânio, uma vértebra cervical e uma falange proximal de uma mão. Na zona da cabeceira foi ainda

encontrado um brinco, o que nos leva a supor que o indivíduo aqui inumado era do sexo feminino.

Associado aos restos humanos e ao elemento de adorno, foi descoberto, nas terras de enchimento, material romano, moderno e outro de cronologia indeterminada⁹, o que evidencia, inequivocamente, estratigráfica de revolvimento intrusiva, no interior da sepultura.

A descoberta e destruição parcial do túmulo deverá ter ocorrido durante a desmontagem do muro, para aproveitamento da pedra para construção, momento que poderemos situar a partir do séc. XVIII, uma vez que foi encontrada faiança, datável deste período. Como o enterramento não terá sido efectuado com terra, à semelhança do que se apurou nas restantes sepulturas, tal como veremos adiante, foi facilmente identificado pelos seus descobridores, os quais o terão removido e vandalizado. Quando procederam ao aterro do fosso encetado para saque da pedra e abertura da sepultura, terão entrado com as terras os ossos humanos que escaparam ao vandalismo perpetrado, bem como fauna e material arqueológico de épocas distintas.

Neste âmbito, importa referir a descoberta de fragmentos de material osteológico humano dentro do poço, localizado a poucos metros da necrópole, no interior da *natatio*/cisterna, tal como no derrube da sala absidada da *villa*. Todavia, somente um estudo antropológico apurado poderá averiguar se estes ossos dispersos poderiam fazer parte do indivíduo inumado na sepultura 1. Há ainda que equacionar que poderão fazer parte de outros enterramentos, na sequência da violação de sepulturas eventualmente existentes na necrópole, em área ainda por escavar.

Fig 4: Enterramentos

| Sep. | Orientação | Enterramentos | Deposição | Membros | Mãos | Sexo | Idade | Estatura (cm) |
|------|------------|--|-----------------|------------------------------------|------------------|------|-------|---------------|
| | | | | Superior/Inferior | Esquerda/Direita | | | |
| 1 | SO/NE | 2 fragmentos de crânio Vertebra cervical Falange proximal de mão | - | - | - | - | - | - |
| 2 | SO/NE | 1 | Decúbito dorsal | Semiflectido- Extensão Extensão | Colos femorais | F | 21-24 | 160,5 |
| 3 | SO/NE | 1 | Decúbito dorsal | Extensão | Bacia | M | 18-21 | 168,1 |

⁸ Na Fig. 2 apresenta-se a largura da cabeceira e dos pés das sepulturas.

⁹ Estuque pintado, moeda romana, cerâmica comum, faiança, fauna malacológica, crânio e mandíbula de animais distintos.

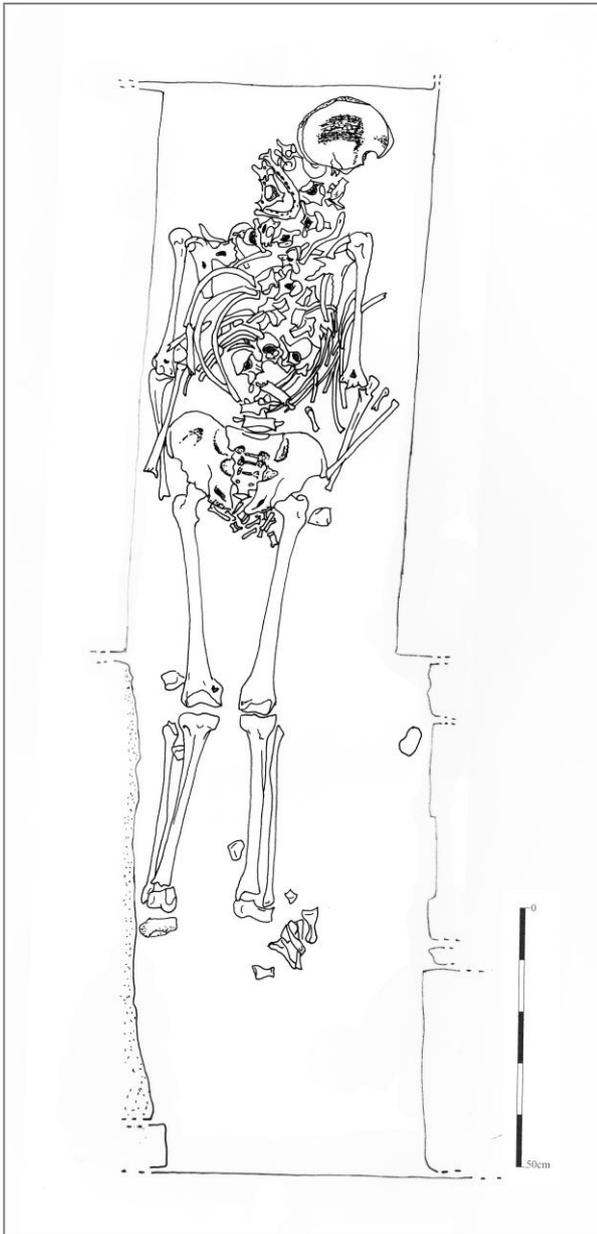


Fig. 5: Sepultura 2, Enterramento 1

Relativamente às sepulturas 2 e 3, encontradas completamente seladas, registaram-se inumações de enterramentos únicos que importa analisar com detalhe.

No túmulo 2 foi inumado um adulto jovem, do sexo feminino, com idade à morte entre os 21 e os 24 anos e estatura estimada de 160,5 cm. Foi depositado em decúbito dorsal, directamente sobre o pavimento de *opus signinum* da piscina, com orientação sudoeste/nordeste e com o crânio assente sobre a face esquerda. O braço esquerdo foi deixado semiflectido sob a bacia, o direito estendido ao longo do corpo e as mãos estavam

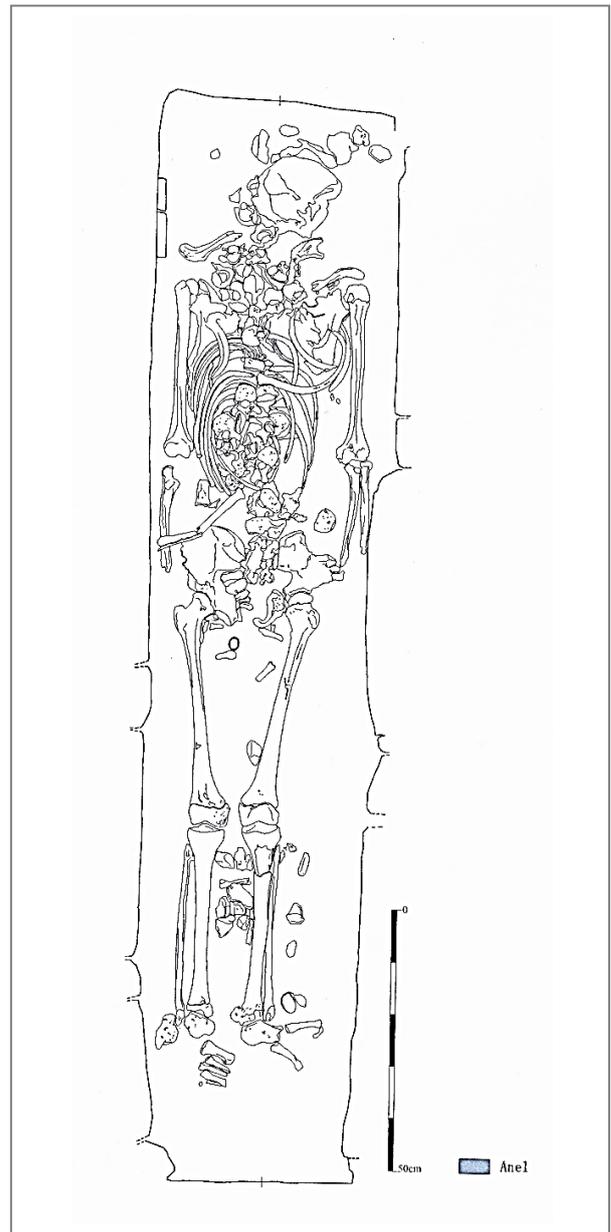


Fig. 6: Sepultura 3, Enterramento 2

dispersas entre os colos femorais. Enquanto as pernas foram encontradas em extensão, o pé esquerdo estava depositado sobre o quinto metatarsiano e do pé direito apenas se preservaram o talus e o calcâneo. Não apresentava patologias infecciosas ou traumáticas, à semelhança do identificado na sepultura 3, as quais poderiam eventualmente contribuir para melhor compreender a causa das mortes, no início da idade adulta (Reis, 2006).

A sepultura 3 continha também um indivíduo adulto jovem, depositado em decúbito dorsal sobre o pavimento e com orientação sudoeste/nordeste, embora

do sexo masculino e com idade à morte aproximada entre os 18 e os 21 anos. A estatura estimada era de 168,1 cm. Os braços e as pernas foram encontrados em extensão, as mãos dispersas na bacia e os pés dispostos lado a lado (Reis, 2006).

Apesar da boa preservação dos braços e das pernas verificada em ambos os enterramentos, a ausência de terra no interior das sepulturas terá proporcionado a desintegração dos crânios decorrente da “explosão” a que ficaram sujeitos, pela acumulação de gases e fluidos, resultantes do processo de putrefação dos cadáveres. As razões apontadas para a desarticulação da caixa craniana estarão igualmente na origem da desconexão das vértebras e costelas. Todavia, a entrada de pequenos roedores ou rastejantes nas campas, após o processo de decomposição, seja outra das hipóteses para explicar o ocorrido, uma vez que as raízes¹⁰ recolhidas no interior, por serem de pequeno calibre, não tiveram qualquer influência na alteração anatómica dos indivíduos inumados (Reis, 2006).

2.4. Espólio funerário

Os restos humanos, bem como o brinco em bronze (Fig. 8), encontrado na zona da cabeceira, atestam a existência de inumação na sepultura 1. Como tal, exclui-se a hipótese de se tratar de um *memoria*.

Na sepultura 2, o enterramento do sexo feminino tinha igualmente associado um pequeno brinco em bronze (Fig. 9), identificado no lado direito do crânio e uma fivela em ferro (Fig. 10), bastante oxidada, no lado esquerdo da quinta vértebra lombar. Na zona das vértebras lombares e costelas esquerdas foram ainda recolhidos fragmentos de ferro, muito oxidados, alguns dos quais tidos como pertencentes a um fuzilhão,

possivelmente pertencente à fivela.

No que concerne à sepultura 3, o indivíduo do sexo masculino foi inumado com um anel em bronze (Figs. 11 e 12), com mesa rectangular decorada, encontrado entre os colos femorais e, eventualmente, com uma fivela, a julgar pelo fragmento de ferro oxidado, identificado sob o *pubis* direito, o qual podemos associar também a um fuzilhão.

O material de adorno pessoal e os acessórios de vestuário aqui registados, enquadraram-se na tipologia do espólio associado aos enterramentos da Necrópole da Quinta da Cerca, os quais são reveladores de *status* social, pressuposto já considerado anteriormente, pela inexistência ou baixa frequência de patologias nos tumulados e da organização cuidada do aparelho de construção utilizado nas sepulturas. Perante este quadro, deduzimos, desde logo, que as pessoas aqui sepultadas, além de terem pertencido ao mesmo núcleo familiar, e que habitariam eventualmente na Casa da Medusa, em época Tardo-Antiga, fariam parte das classes privilegiadas de *Abelterium*.

Todavia, não lhes foi dedicada homenagem, à semelhança do que se verifica nas restantes necrópoles de Alter do Chão, onde se afere total ausência de epitáfios¹¹. Facto que contrasta consideravelmente com Mértola e Silveirona (Wolfram, 2011 e Cunha 2008), onde abundam inscrições paleocristãs. Além de inumações anónimas verificou-se ausência de elementos de índole cristã, tais como o *chrismon*, o que difere do que se atestou, por exemplo, na Necrópole da Ermida da Achada de São Sebastião, em Mértola, onde foi encontrada uma medalha em ouro com o monograma (Lopes, 2004).

Fig 7: Espólio funerário

| Sep. | Brinco bronze | Anel bronze | Fivela ferro | Fuzilhão ferro | Outro material |
|------|---------------|-------------|--------------|----------------|---|
| 1 | 1 | - | - | - | Cerâmica comum, faiança, estuque pintado, moeda em bronze, fauna malacológica e crânio e mandíbula de animais |
| 2 | 1 | - | 1 | 1 | - |
| 3 | - | 1 | - | 1 | - |

¹⁰ Além destas raízes foram recolhidas amostras de terra do interior das sepulturas, encontrando-se as mesmas devidamente acondicionadas no Laboratório de Antropologia da Câmara Municipal de Alter do Chão, para eventuais análises e estudos.

¹¹ Os epitáfios de *Sentia Laurilla* (António e Encarnação, 2006) e do jovem *Severus* (Encarnação, 1984), encontrados à cabeceira e a servir de tampa em duas sepulturas, revelam claramente uma situação de reutilização de epígrafes romanas na Necrópole Tardo-Antiga da Quinta da Cerca.



Fig. 8: Brinco em bronze (Sepultura 1)



Fig. 11: Anel em bronze (Sepultura 3, Enterramento 2)



Fig. 9: Brinco em bronze (Sepultura 2, Enterramento 1)



Fig. 10: Fivela em ferro (Sepultura 2, Enterramento 1)

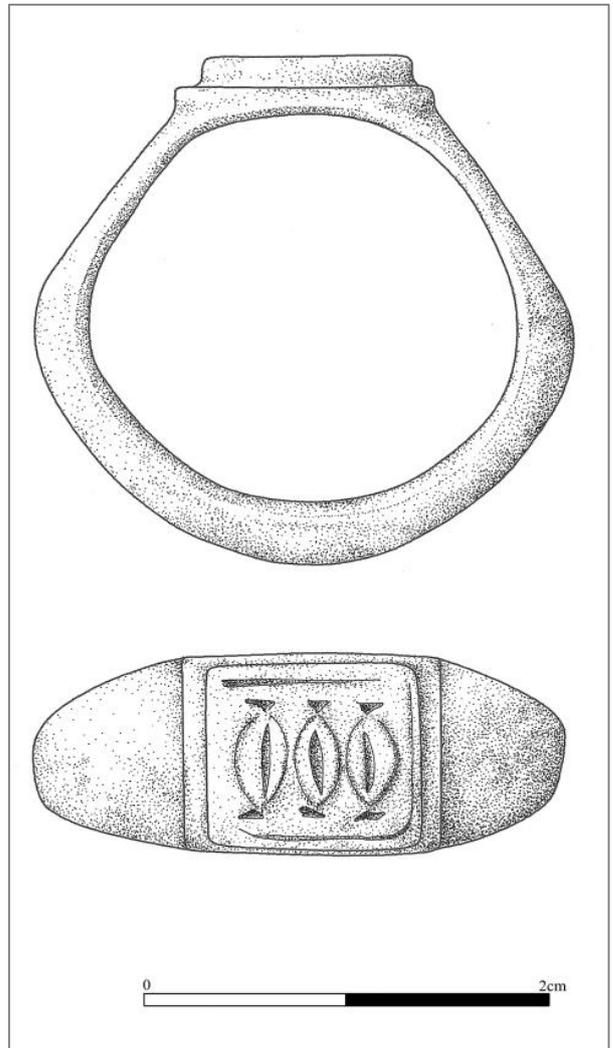


Fig. 12: Anel em bronze (Sepultura 3, Enterramento 2)

3. Considerações finais

Durante a Antiguidade Tardia, as *villae* em torno de *Abelterium* registam uma forte presença de comunidades cristianizadas, as quais preconizam uma nova realidade estruturante do espaço, registada, até à presente data, unicamente ao nível de locais de enterramento, reconvertendo e reutilizando edifícios habitacionais e termas pagãos.

As necrópoles da Casa da Medusa, da Quinta da Cerca¹² e da Quinta do Pião¹³, afiguram, de facto, esta circunstancialidade, de inquestionável importância para o estudo da região, durante a Antiguidade Tardia.

São lugares de sepultamento bem organizados e com sepulturas bem estruturadas, revelando estas, por vezes, alguma monumentalidade. É igualmente de realçar a reduzida incidência de patologias nos indivíduos inumados (António e Reis, 2008), bem como os numerosos objectos de adorno pessoal em bronze e prata e os acessórios de vestuário em bronze, que lhes estão genericamente associados¹⁴. São aspectos que refletem inegavelmente o nível socioeconómico dos grupos sepultados e que parecem atestar a presença de uma importante elite social terra tenente nas *villae* em torno de *Abelterium*, durante a Antiguidade Tardia.

Face à particularidade do ambiente pagão reconvertido, no qual foi instalada a necrópole da Casa da Medusa, não podemos deixar de fazer referência ao elemento água aqui presente. Trata-se de um ambiente indissociável do baptismo, pela possibilidade de utilização de uma das piscinas das termas para esse efeito, embora a fase actual da escavação não permita legitimar tal pressuposto, nem a transformação do *frigidarium* em espaço de culto, nomeadamente em oratório privado.

Relativamente à existência de outros eventuais espaços de culto¹⁵, nas restantes necrópoles de Alter do Chão, refira-se a sala pavimentada a *opus caementicium* e a pequena estrutura em abside encostada a uma das

paredes, junto às sepulturas da Quinta da Cerca (António e Reis, 2008, p. 359). Já na *Villa Romana* da Quinta do Pião está por confirmar a funcionalidade, em época tardia, da abside em redor da qual estão associadas, pelo menos, 5 sepulturas, 3 das quais claramente no exterior (António e Rodrigues, no prelo).

Bibliografia:

ALARCÃO, Jorge de (1998) – A paisagem rural romana e alto-medieval em Portugal. *Conimbriga*. 37, p. 89-119.

ANTÓNIO, Jorge e ENCARNÇÃO, José d' (2006) – Epitáfio de Sentia Laurilla, de Alter do Chão (Conventus Pacensis). *Ficheiro Epigráfico*. 81, Inscrição 362.

ANTÓNIO, Jorge e REIS, Marta Pinto (2008) – Necrópole Tardo-Antiga de Alter do Chão: resultados preliminares. *Hispania Romana*, Vol. 10, p. 353-366. Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular, Faro, 2004.

ANTÓNIO, Jorge e REIS, Marta Pinto (2008) – Legados da Antiguidade Tardia na Vila de Alter do Chão: abordagem Antropológica (primeiros resultados). *Hispania Romana*, Vol. 10, p. 335-351. Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular, Faro, 2004.

ANTÓNIO, Jorge e RODRIGUES, Zélia (no prelo) – A Necrópole Tardo-Antiga da *Villa Romana* da Quinta do Pião (Alter do Chão). I.º Congresso Internacional sobre Arqueologia de Transição, Évora, Universidade de Évora.

BARRAGÁN VALENCIA, Maria del Carmen (2010) – La necrópolis tardoantigua de Carretera de Carmona (Hispalis), Sevilla, Seminario de Arqueología, Universidad Pablo de Olavide.

CARNEIRO, André (2009) – Sobre a cristianização da Lusitânia: novas reflexões a partir dos dados históricos e das evidências arqueológicas. *UNED. Espacio, Tiempo y Forma. Serie I, Nueva época. Prehistoria y Arqueología*, t. 2, p. 205-220.

¹² Conhecida, pelo menos, desde 1948, ano da construção da casa da Quinta da Cerca, situada junto da necrópole. Terá sido durante a construção do caminho de acesso a esta casa que foram descobertas algumas sepulturas.

¹³ Identifica em 2008, no decorrer da primeira campanha de escavações efectuada no âmbito do projecto Via Hadriana.

¹⁴ Na necrópole da *Villa Romana* da Quinta do Pião, o único espólio associado aos enterramentos, até ao momento, foi uma jarrinha em cerâmica, encontrada à cabeceira de uma sepultura.

¹⁵ A basílica paleocristã mais próxima localiza-se na *Villa Romana* de Torre de Palma, acerca de 25 km de Alter do Chão.

CHAVARRÍA ARNAU, Alexandra (2007) – El Final de las Villae en Hispania (siglos IV-VII d.C.). *Bibliothèque de l'Antiquité Tardive*. 7.

CUNHA, Mélanie (2008) – As necrópoles de Silveirona (Santo Estêvão, Estremoz). Do mundo funerário romano à Antiguidade Tardia. *O Arqueólogo Português*, Suplemento 4, MNA, Lisboa.

ENCARNAÇÃO, José d' (1984) – *Ammaia (Marvão). Inscricões Romanas do Conventus Pacencis. Subsídios para o Estudo da Romanização*. Coimbra: IAFLUC, p. 667-694.

FERNANDES, Isabel Cristina F. (1987) – Espólio da necrópole dos Pombais (I), *Actas das 1.ªs Jornadas de Arqueologia do nordeste alentejano (1985)*, p. 101-116.

HALE, John R. (1995) – A report on the tombs and human skeletal remains at the paleo-christian basilica of Torre de Palma, p. 459-462. *IV Reunió d'Arqueologia Cristiana Hispànica*.

LOPES, Virgílio (2004) – *Mértola na Antiguidade Tardia. A topografia histórica da cidade e do seu território nos albores do cristianismo*. CAM, Mértola.

LOPES, Virgílio e BOIÇA, Joaquim (1993) – A necrópole e ermida da achada de S. Sebastião de Mértola. *Arqueologia Medieval*, 2, CAM, Mértola, p. 17-29.

MACIEL, Manuel Justino (1996) – *Antiguidade Tardia e Paleocristianismo em Portugal, Lisboa*, edição de autor.

MALONEY, Stephanie (1995) – The early Christian basilican complex of Torre de Palma (Monforte, Alto Alentejo, Portugal), p. 449-458. *IV Reunió d'Arqueologia Cristiana Hispànica*.

REIS, Marta Pinto (2006) – Projecto de recuperação e valorização da Estação Arqueológica de Alter do Chão. Exumação de dois enterramentos. Relatório de Campo, Câmara Municipal de Alter do Chão.

SOARES, M. Monge; SANTOS, Ana Luísa; UMBELINO, Cláudia (1997) – A Necrópole Paleocristã do Assento de Chico Roupá (Vila Verde de Ficalho, Serpa), *Arqueologia Medieval*, 5, CAM, Mértola, p. 23-33.

TORRES, Cláudio e MACIAS, Santiago (1993) – Museu de Mértola. Basílica Paleocristã. Mértola, CAM.

WOLFRAM, Mélanie (2011) – *Uma síntese sobre a cristianização do mundo rural no sul da Lusitânia. Arqueologia. Arquitectura. Epigrafia*. Tese de doutoramento em História, na especialidade de Arqueologia, FLUL, Departamento de História, Lisboa.

GRAFITO IDENTIFICA ALTER DO CHÃO COMO ABELTERIVM

Jorge António
(Município de Alter do Chão)

José d'Encarnação

RESUMO:

Num *imbrex* identificado no Verão de 2009, no decorrer dos trabalhos arqueológicos realizados em Alter do Chão, o operário *Vernaculus* foi anotando a quantidade de *imbrices* que ia fazendo. Teve, ainda, o cuidado de referir que se encontrava em *Abelterium, ad Castorem*, sendo, pois, *Castor* o nome do proprietário da olaria.

PALAVRAS-CHAVE:

Imbrex, Vernaculus, Castorem, Abelterium.

RESUMÉE:

Sur un *imbrex* identifié, l'été de 2009, pendant les travaux archéologiques en cours à Alter do Chão (district de Portalegre), l'ouvrier *Vernaculus* a annoté la quantité d'*imbrices* de chaque série qu'il était en train de faire. Il a écrit aussi que tout cela se passait à *Abelterium, ad Castorem*, c'est-à-dire, à l'atelier de *Castor*. Il s'agit de la première référence épigraphique sûre qui nous donne l'identification de l'actuelle Alter do Chão avec la *civitas* d'*Abelterium*, mentionnée dans l'*Itinéraire d'Antonin*.

MOTS-CLÉS:

Imbrex, Vernaculus, Castorem, Abelterium.

No decorrer dos trabalhos arqueológicos levados a efeito, no Verão de 2009, na *Villa Romana* da Casa da Medusa¹, foi descoberta uma telha romana (*imbrex*) com grafito, que identifica Alter do Chão com *Abelterium*.

Este singular achado foi efectuado durante a remoção do derrube do telhado do corredor sudeste do *peristylum*, localizado atrás do *triclinium* da Casa da Medusa. Após a descoberta do primeiro fragmento com grafito, todo o restante derrube foi levantado e visto com redobrada atenção por vários elementos da equipa. Contudo, dada a natureza do achado, procedeu-se à recolha sistemática de todo o derrube, sendo este lavado no Laboratório de Arqueologia, no intuito de confirmar a existência de mais fragmentos, nos quais pudesse constar o restante texto. Felizmente logrou-se

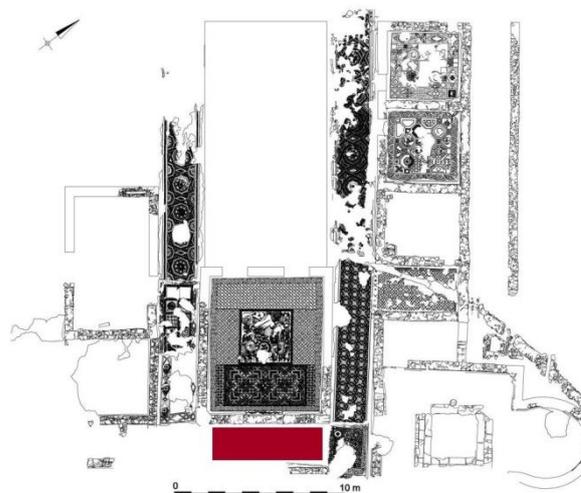


Fig. 1: Corredor do *peristylum* onde foi encontrado o *imbrex*

¹ Estação Arqueológica de Alter do Chão.

encontrar a quase totalidade dos fragmentos (sete), onde o operário de serviço de um telheiro foi anotando as contagens que ia fazendo das telhas colocadas ao sol para secar antes de irem para o forno.

Trata-se, por isso, de um documento de excepcional importância histórica, até porque houve a preocupação de explicitar que o telheiro, pertença de um *Castor*, se encontrava em *Abelterium* e o operário se chamava *Vernaculus*.

- Dimensões:
 - . comprimento – 36 cm;
 - . largura – 25,5 cm;
 - . espessura – 1,9.

- Leitura interpretada:

VIIRRNA/CVLVS / FECIT / IMBRICIIS / ⁵
 AB[II]LTIRIO / AD CASTOREM / (*duo milia*) /
 (*mille*) / DCCCCL (*quinquaginta et nongenti*) / ¹⁰
 DCCC (*octingenti*)

Vernáculo fez, em Abeltério, à do Castor, tijolos 2000,

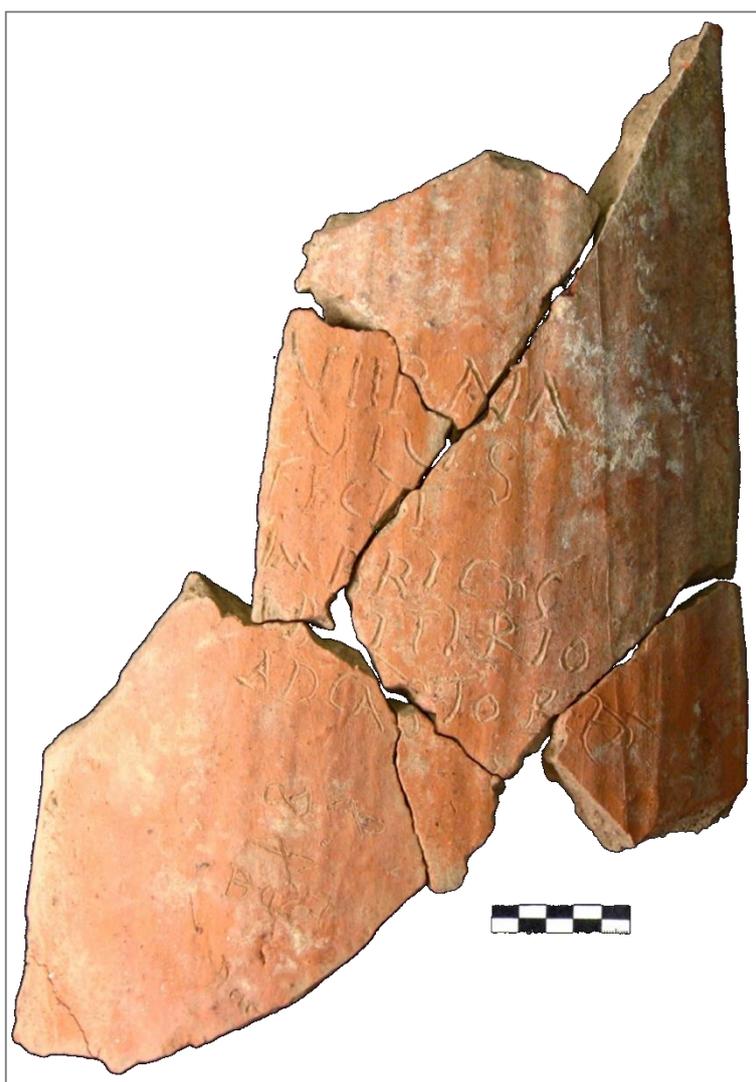


Fig. 2:
Imbrex de Vernaculus



Fig. 3:
 Topónimo latino

1000, 850, 800.

Feito, seguramente, enquanto a pasta ainda estava mole, na altura em que, no telheiro, se estendiam as telhas ao sol para secar, o grafito obedece, do ponto de vista paleográfico, ao que é corrente nestas circunstâncias e em todas as épocas: os caracteres são cursivos, sem qualquer preocupação estética, pois o que interessa é a útil informação rápida acerca do que se está a fazer. Assim, os E são grafados com dois II, dado que as barras horizontais na pasta mole acabam por ser mais difíceis de traçar; aliás, é também por isso que as barras das letras se apresentam oblíquas, não horizontais, e, por vezes, mais compridas do que o habitual (caso do L, nomeadamente na l. 5) ou, ainda, mais breves, como se exemplifica no A; e nem sempre as hastes tocam umas nas outras a formar vértice ou, então, como acontece com o V, assume a forma de U, por ser gravado numa só vez. A cursividade é particularmente explícita no traçado do F. Não significa isso que o oleiro se não tenha aprimorado, aqui e além, no traçado das letras, quer 'sublinhando' o vértice inferior com um traço (no R, no I. no A...) quer no elegante S final do seu nome, por exemplo.

Lograram-se recuperar a maior parte dos fragmentos – o que merece um louvor ao arqueólogo de campo na ocasião – de modo que não oferecem quaisquer dúvidas a leitura e a interpretação da totalidade do texto. De facto, também a l. 5, apesar da fractura, se nos afigura garantida: há a barra esquerda do A; o E deverá estar grafado com dois pequenos II como sucede na palavra IMBRICIIS. A hesitação poderia existir na linha seguinte: AD deve entender-se como preposição, que regerá um acusativo. Ou seja, se *Vernaculus* quis explicar que a sua actividade se exercia em *Abeltirium*, não lhe bastou identificar o nome do aglomerado urbano (*civitas?*), quis também assinalar qual a oficina para que trabalhava: *ad* deverá entender-se, se nos é permitido o uso de uma expressão popular, «à do...». Haverá, pois, o nome do proprietário da olaria: CASTOREM, resultando assaz curiosa a forma como, sendo a parte final do seu texto principal (digamos assim), faz uma espécie de expressão), com um E bem lançado vindo cá de trás na parte superior e gatafunhando rapidamente o M.

Seguem-se – e dá a impressão que se trata mesmo de gravação feita num segundo momento, já no 'estendal', mais em cima do joelho, com um pedaço de cana cortada (é claro o sulco duplo) – os números referentes às contagens que estão a ser feitas no momento em que se torna necessário saber quantos

exemplares se encontram a secar: numa primeira linha, escreve-se o sinal indicativo de mil por duas vezes² e, seguramente, em dois momentos distintos, dada a sua posição relativa; na linha seguinte, apenas mil (e, aqui, já igual à forma 8 de Battle); depois, 950, com o D cortado por uma barra (como que a simular abreviatura), os quatro C muito cursivos e o L bem alto; ligeiramente mais baixo e já mais descuidada, a gravação do último número visível, com o D mal enjorcado (aberto em baixo) e os CCC mais pequenos: 800, presumivelmente – porque o *imbrex* está partido aí e não sabemos se existiria mais alguma letra.

A antroponímia patente é sugestiva. De facto, *Vernaculus* tem o significado etimológico, latino, de «nativo», mas daí não se podem retirar ilações quanto à sua categoria social³, ainda que a presença de *Caesia Vernacla, liberta*, em Évora,⁴ e de uma *serva* em dedicatória a Endovélico (Alandroal, IRCP 515) nos possam inclinar para lhe atribuir uma condição de escravo, o que até nem seria anormal no caso de um trabalhador de olaria. *Castor* – nome que, na Lusitânia, só se identificou em Faro (IRCP 17)⁵ – é, ao invés, antropónimo etimologicamente grego e, inclusive, devido à sua eventual relação cultural com a mitologia,⁶ não nos repugnaria que identificasse aqui alguém de categoria servil, ainda que proprietário de um telheiro.

Duas, porém, são as informações relevantes que *Vernaculus* nos deixou.

² Trata-se aqui de uma forma mista daquelas que Battle identifica com os números 6 e 8 (cf. BATTLE HUGUET (Pedro), *Epigrafia Latina*, Barcelona, 1946, p. 23, fig. 28: são triângulos unidos em jeito de X comprido, mas os vértices unem-se por um arco.

³ Curiosamente, é um dos antropónimos pouco comuns na onomástica do Império Romano, sendo, porém, a Península Ibérica e, designadamente, a Lusitânia uma das zonas em que mais vezes ocorre. Iiro Kajanto (*The Latin Cognomina*, Roma, 1982 [reimp.], p. 312) salienta o seu maior uso por parte das mulheres, indicando que, em 10 ocorrências no conjunto do *Corpus Inscriptionum Latinarum*, 5 são de Hispânia. Juan Manuel Abascal (*Los Nombres Personales en las Inscripciones Latinas de Hispania*, Múrcia, 1994, p. 542-543) dá conta de 7 mulheres com esse nome e 9 homens. Em NAVARRO CABALLERO (Milagros) e RAMÍREZ SÁDABA (José Luís) [coord.], *Atlas Antroponímico de la Lusitania Romana*, Mérida / Bordéus, 2003, p. 338-399, mapa 322, registam-se 15 testemunhos.

⁴ ENCARNAÇÃO (José d'), *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis – Subsídios para o Estudo da Romanização*, Coimbra, 1984 (=IRCP), inscrição nº 389.

⁵ Abascal (1994, p. 319) dá mais dois testemunhos na Península: um em Huerta del Rey e outro em Lebrija.

⁶ Castor e Pólux, os celebrados Dióscuros... Não é invulgar que os senhores dêem a seus escravos nomes ligados a divindades ou a heróis da mitologia: *Hermes, Nympha...*

Prende-se uma com as quantidades de *imbrices* que poderia comportar um estendal, dado que expressamente ainda não tivéramos, ainda que o houvésemos sugerido já aquando do estudo do tijolo de *Eburobrittium*, onde se escreveu VSQVE HIC CCC, «até aqui 300», mnemónica também de um trabalhador de olaria,⁷ relacionável com os números grafados em tijolos de Conímbriga, a mostrar preocupações de 'contabilidade' e de controlo da produção. Poder-se-á ainda argumentar que, se se identifica uma olaria, é porque outras haverão no local – e esse constitui, sem dúvida, um raciocínio lógico: quantos oleiros não temos nós, hoje, em S. Pedro do Corval, por exemplo?

Contudo, a informação maior é a de que nos encontramos em... *Abeltirium!* O I está suficientemente claro para que se não suponha nem um lapso nem a hipótese de haver outro ao lado para dar o que as fontes indicam como *Abelterium*. A identificação, portanto, de Alter do Chão como *Abeltirium* no tempo dos Romanos – que já há muito se apresentava como certa⁸ – teve, aqui e agora, a confirmação cabal, sendo despicienda, como se sabe, a alternância *e/i* na linguagem oral.

Uma derradeira conclusão importa tirar, em tom de recomendação aos arqueólogos: é absolutamente imprescindível uma cada vez mais cuidada atenção aos materiais cerâmicos, por mais banais que pareçam, por mais fragmentados que estejam, pois em singelo grafito

pode estar a solução para uma interessante questão histórica.

⁷ Cf.: ENCARNAÇÃO (José d') e MOREIRA (José Beleza), «Epigrafia de *Eburobrittium*», *Actas do Congresso A Presença Romana na Região Oeste*, Câmara Municipal do Bombarral, 2005, p. 134; ENCARNAÇÃO (José d'), «A epigrafia do momento: grafitos... a comunicação sedutora», in ANGELI BERTINELLI (Maria Gabriella) e DONATI (Angela) [coord.], *Opinione Pubblica e Forme di Comunicazione a Roma: il Linguaggio dell'Epigrafia* (Atti del Colloquio AIEGL – Borghesi 2007), 2009, p. 18-20.

⁸ Já André de Resende (*De Antiquitatibus Lusitaniae*, Évora, 1593, fol. 255) identificava *Elteri* com Alter do Chão. Jorge Alarcão, depois de ter hesitado na identificação de *Abelterium* com Alter do Chão (*Portugal Romano*, Lisboa, 1974, p. 74), devido à escassez dos vestígios arqueológicos, na edição desse mesmo livro em 1983 já escreve (p. 81): «*Abelterium* ficava perto de Alter do Chão ou coincidia mesmo com esta localidade»; em *O Domínio Romano em Portugal*, Mem Martins, 1988, p. 51, vem «*Abelterium* (Alter do Chão)» sem mais; e, em 1990, em *Portugal das Origens à Romanização* [I volume da *Nova História de Portugal*], Lisboa, 1990, afirma categoricamente «Alter do Chão corresponde à antiga *Abelterium*» (p. 363) e lança mesmo a hipótese (p. 364) de ter existido «uma *civitas* com sede em Alter do Chão». É, pois, bem provável que, hoje, «os achados arqueológicos feitos na vila» já não sejam «insuficientes para demonstrar a capitalidade do povoado» (p. 363) – o que vem, por conseguinte, reforçar a viabilidade da sua hipótese.

A POPULAÇÃO ROMANA DE ALTER DO CHÃO

José d'Encarnação

RESUMO:

Ainda que escassos, os monumentos epigráficos identificados no termo de Alter do Chão permitem-nos concluir que *Abelterium* detinha uma população bem conhecedora dos modelos culturais romanos. Realce-se também o elevado interesse histórico do grafito representado na Fig. 8.

PALAVRAS-CHAVE:

Abelterium, Alter do Chão, antroponímia, religião romana, grafito.

ABSTRACT:

The few epigraphic monuments identified at the Alter do Chão territory let us conclude that the Roman *Abelterium* had a population with high cultural level. We note the very important information given by the Fig. 8 inscription.

KEY WORDS:

Abelterium, Alter do Chão, Roman anthroponomy, Roman religion.

Constituem os monumentos epigráficos fonte primária para se ter uma ideia acerca do estatuto social, da origem e, até, juntamente com as manifestações artísticas, do grau cultural de uma população, quer na actualidade quer, sobretudo, ao tempo dos Romanos, uma vez que, para essa época, os outros documentos disponíveis escassa informação podem fornecer.

Não sendo meu objectivo dar uma ideia pormenorizada e esclarecedora acerca das pessoas cuja memória ficou registada nas pedras epigrafadas identificadas, até ao momento, no aro de Alter do Chão, seja-me, porém, lícito traçar delas uma panorâmica muito genérica, na expectativa de, um dia, com mais vagar, se explicitarem noções assim aqui exaradas, baseando-me tão-somente no que até agora se publicou.

No livro *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*,¹ indiquei como provenientes de Alter do Chão:

– IRCP 614: o altar votivo a uma divindade reconhecida (o campo epigráfico encontra-se muito desgastado), de granito, proveniente de Reguengo e que tive ensejo de analisar numa arrecadação da coudelaria.² Do dedicante apenas se sabe que era filho de Avito, o que denota uma onomástica de tipo indígena.

¹ José d'ENCARNAÇÃO, *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis – Subsídios para o Estudo da Romanização*. Coimbra. [= IRCP]. Acessível em: <http://hdl.handle.net/10316/578>.

² Encontra-se exposta no Centro Interpretativo da *Villa Romana da Casa de Medusa*.



Fig. 1: IRCP 614

– IRCP 630: estava, ao tempo (década de 70 do século passado), a servir de tampo de mesa na Quinta da Cerca, adjacente ao Convento de S. António, partindo-se do princípio que das proximidades fora procedente.³ O texto lê-se bem e dá conta de que o pai (*pater*), também ele *Avitus* de seu nome, tratou de mandar fazer o epitáfio do filho, *Severus*, falecido com apenas vinte anos.



Fig. 2: IRCP 630

– IRCP 631: estudei no Museu de Elvas,⁴ esta estela funerária, de grauvaque, rudemente afeiçoada, com um metro de altura, 65 cm de largo e apenas 8 cm de espessura, achada na ermida de S. Pedro, perto de Alter Pedroso⁵. É o epitáfio singelo de Sica, filha de Melão (*Maelo*, em latim). Nada mais se acrescenta, a não ser «aqui jaz»: nem idade, nem nome de dedicante; e o nome da defunta vem em genitivo: «de Sica», subentendendo-se que estamos perante a sepultura dela. Pela simplicidade do texto e pelo modo como as letras estão grafadas (a paleografia), datei o monumento da primeira metade do século I da nossa era, equivalendo, pois, à primeira leva de habitantes da região, nos primórdios dos seus contactos com os romanos, dado que os antropónimos são claramente de etimologia pré-romana, lusitana mesmo (se assim se pode dizer), ainda que escritos em língua latina e usando formulários latinos.

³ Informou-me Jorge António, em Setembro de 2009: «Foi encontrada, em 1948, sobre uma sepultura, a servir de tampa e com o texto virado para baixo, quando se abria o caminho de acesso da EN. 369 à Casa da Quinta da Cerca.» Encontra-se actualmente na dita casa, localizada junto à Necrópole Tardo-Antiga da Quinta da Cerca, junto ao Infantário da Santa Casa da Misericórdia de Alter do Chão.

⁴ Depois das obras de remodelação do museu, foi embutida na parede da Biblioteca Municipal de Elvas.

⁵ Aproveito o ensejo para corrigir um lapso que cometi na nota da p. 690 de IRCP: Tomás Pires, no seu «Catalogo do Museu Archeologico de Elvas» (in *O Archeologo Portuguez*, 6, 1901, p. 209-236), ao referir-se a esta epígrafe (p. 216-217), diz expressamente «encontrada à superfície do terreno no sítio de S. Pedro, próximo de Cabeço de Vide» e não 'de Castelo de Vide' como transcrevi.



Fig. 3: IRCP 631

– IRCP 635: vi esta ara, de granito róseo da região, em Agosto de 1982, numa arrecadação do Monte de Vila Formosa, Seda.⁶ Fora encontrada num local chamado Passareira dessa freguesia. O campo epigráfico estava já bastante maltratado; em todo o caso, creio que o nome do dedicante que propus, depois de aturada observação da pedra e, posteriormente, da foto, se pode considerar aceitável: *Tanginus*, filho de *Lubaecus*. Estaremos, mais uma vez, perante alguém que se identifica à maneira indígena: um só nome seguido do patronímico; e ambos de etimologia pré-romana.⁷

⁶ Está exposta no Centro Interpretativo da *Villa Romana* da Casa de Medusa.

⁷ As dúvidas que me surgiram aquando da publicação no que respeita ao nome *Lubaecus* derivaram, de modo especial, por ser um nome raro; contudo, já se conhecem hoje mais testemunhos: o *Atlas Antroponímico de la Lusitania Romana*, coordenado por Milagros NAVARRO CABALLERO e José Luís RAMÍREZ SÁDABA (Mérida – Bordéus 2003), apresenta, para além deste, 10 registos, todos eles desta área da Lusitânia; contudo, o cotejo desses testemunhos com os que se encontram na base de dados <http://www.eda-bea.es/> (não são inteiramente



Fig. 4: IRCP 635

– FE 238: Ao Dr. Dias Diogo ofereceram, em Agosto de 1985, a parte inferior de uma ara funerária,⁸ achada em São Pedro, do mesmo local, portanto, donde proviera IRCP 631. O mau estado da superfície epigrafada impede-nos de confirmar a leitura proposta, dado que, por outro lado, não foi fácil efectuar uma fotografia mais clarificadora. Em todo o caso, a presença de um adjectivo no grau superlativo (mui provavelmente *pientissimus*), usual apenas em contextos funerários, permite-nos concluir que estamos perante um epitáfio, sendo de salientar a distração do lapicida

coincidentes) poderá vir a trazer algumas surpresas; veja-se, por exemplo, que é também um *Tanginus*, filho de *Lubaecus*, que manda erigir um altar a Júpiter, achado em Ade, concelho de Almeida, na Beira Alta portuguesa, cuja epígrafe apresenta, aliás, idêntica estrutura textual (a identificação do dedicante antecede a da divindade: cf. registo nº 22954 daquela base de dados e *Hispania Epigraphica* 2, 1990, nº 790).

⁸ Cf. DIOGO (A. M. Dias), «Estela funerária de São Pedro (Alter do Chão)», *Ficheiro Epigráfico* 52 1996 nº 238. O monumento foi, na altura, depositado no Instituto Português do Património Cultural, sendo, hoje, o seu paradeiro desconhecido no seio da instituição. Dias Diogo optou pela classificação de “estela”, mas afigura-se-nos que se trata, na verdade, de uma ara, pelo tipo de molduração, muito semelhante ao que é habitual em idênticos monumentos identificados em Alter.

ao grafar POSVVIT, em vez de POSVIT (com um V apenas). Enquanto se não lograr decifrar algum dos nomes que estão nas primeiras linhas, este monumento apenas contará, portanto, quase para efeitos estatísticos.

O mesmo se não poderá, contudo, dizer acerca da eloquente placa de *Sentia Laurilla* a que recentemente se tem feito referência,⁹ pois ela se enquadra perfeitamente nos parâmetros, que, atrás, da mera enunciação de antropónimos se depreendem. É que o seu epitáfio reza o seguinte, traduzido para português:

Aqui jaz Sência Laurila, filha de Tangino, de oitenta e cinco anos. Que a terra te seja leve. Os herdeiros, Sêncio Sádala, Sência Repentina, mandaram fazer por testamento.

Fig. 5: FE 238



Fig. 6: Epitáfio de *Sentia Laurilla*

⁹ Cf. – Jorge ANTÓNIO e José d'ENCARNAÇÃO, «Epitáfio de *Sentia Laurilla*, de Alter do Chão», *Ficheiro Epigráfico* 81, 2006, nº 362; e, dos mesmos autores, «Epitáfio de *Sentia Laurilla*», *Fragmento* (Boletim de Arqueologia e História do Município de Alter do Chão), nº 4, Dez 2007, p. 1 e 10-11. O monumento está exposto no Centro Interpretativo da *Villa Romana da Casa de Medusa*.

A defunta pertence a uma família ilustre, a *Sentia*, já documentada, por exemplo, em magnífica estela, elegantemente decorada, de *Ammaia*.¹⁰ E é uma indígena romanizada, que nunca teve, porém, vergonha das suas origens, pois vem identificada com o patronímico lusitano *Tanginus*, já atrás documentado, como vimos. São os seus dois libertos, que estatuiu como herdeiros, que – em consequência de disposição testamentária – lhe erigem o monumento funerário a perpetuar a sua memória. E isto prova adequado conhecimento dos procedimentos jurídicos romanos.

No que diz respeito à onomástica dos libertos (para já não falar da ampla conotação cultural de *Laurilla*, relacionável com o louro da vitória e da inteligência), dir-se-á que *Sadala* é nome de ressonâncias da parte oriental do Império, pois que identificou um rei da Trácia; e *Repentina* é de uso raro, mas com um significado preciso: a que tem sempre a resposta pronta, na ponta da língua, ou a expedita na execução de tarefas...

Bastaria o texto desta placa para mostrar não apenas o elevado nível cultural a que parte significativa da população de *Abelterium* logrou atingir e bem o patenteia, mas ainda, e não de somenos importância, a forma como, paulatinamente, os costumes se entrelaçaram em pacífica convivência: indígenas e romanos recém-chegados.

Há, no entanto, uma outra árula votiva, de mármore branco do tipo Estremoz/Vila Viçosa, identificada, em 2004, quando se procedeu ao desentulhamento do sítio que funcionara como aterro municipal. Terá sido, certamente, encontrada durante as obras efectuadas numa casa de Alter do Chão e atirada para aí, juntamente com os detritos. A superfície encontra-se muito gasta, de forma que, para além da fórmula final, perfeitamente latina, EX VOTO POSVIT («colocou por voto»), apenas se afigura possível sugerir, para o nome da dedicante, *Amilia Urbana*, sendo, porém, duvidoso o gentílico (por não termos outros testemunhos) enquanto o *cognomen Urbana* nos remete, de novo, para um ambiente de algum nível cultural.¹¹

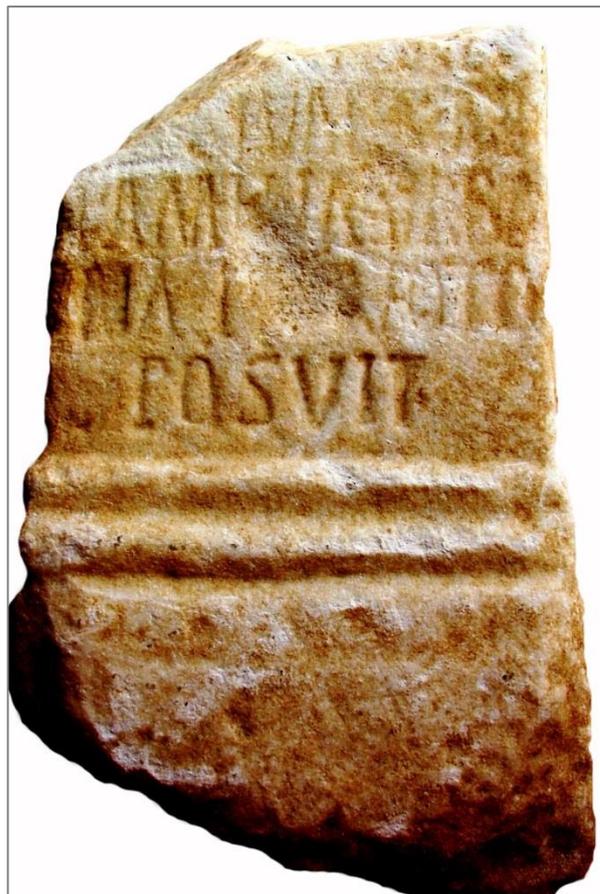


Fig. 7: Árula votiva de *Amilia Urbana*

Do elevado interesse histórico do grafito exarado pelo oleiro *Vernaculus* numa telha (*imbrex*), a anotar os quantitativos de cada fornada, se fala noutro texto; mas anote-se, desde já, que se trata de um nome não muito frequente: Iiro Kajanto¹² refere a menção de quatro homens com esse nome, um dos quais liberto, no conjunto do *Corpus Inscriptionum Latinarum*, sendo, porém, dez as mulheres que o usam, cinco das quais na Península Ibérica, o que denota a vontade de serem conotadas como «nativas».

Assim, todos estes monumentos, apesar de não abundantes, acabam por ser deveras significativos no que concerne à caracterização da população que viveu em *Abelterium*: o aglomerado urbano (cujas categorias administrativas ainda estão por definir), ponto de passagem de uma via principal de ligação à capital da Lusitânia (*Augusta Emerita*), oferecia, já nessa altura, óptimas condições para a fixação das gentes. E, pouco a

¹⁰ Cf. MANTAS (Vasco Gil), «Novidades epigráficas de *Ammaia* (S. Salvador de Aramenha, Marvão)», in Claudine AULIARD et Lydie BODIOLU (dir.), *Au Jardin des Hespérides – Histoire, Société et Épigraphie des Mondes Anciens (Mélanges offerts à Alain Tranoy)*, Presses Universitaires de Rennes, 2004, p. 87-105 (sobretudo p. 92-9, com mapa de distribuição das ocorrências deste gentílico na p. 96).

¹¹ Cfr. ANTÓNIO (Jorge) e ENCARNAÇÃO (José d'), «Árula votiva de Alter do Chão», *Ficheiro Epigráfico* 88 2009, nº 401. Manuela Alves Dias, nos índices de FE 100, propôs a

reconstituição *Camilia*; contudo, o que se vê na lápide não nos permite aceitar sem reservas essa opção.

¹² *The Latin Cognomina*, Roma, 1982 (reimp.), p. 312.

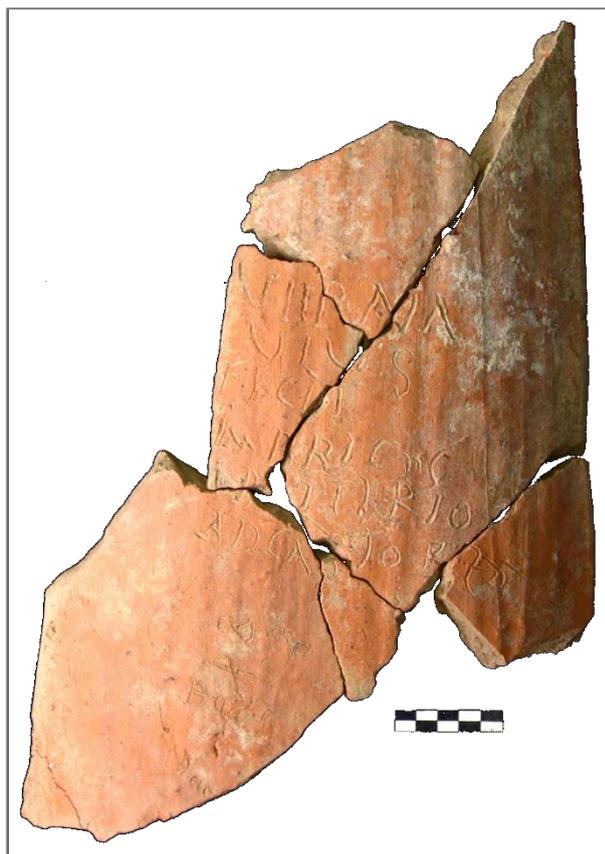


Fig. 8: *Imbrex de Vernaculus*

pouco, a população foi aumentando, a ligação entre autóctones, passantes e imigrantes foi-se consolidando, nomeadamente através de laços conjugais. Manteve-se, ao que parece, o culto às divindades tradicionais, no respeito pelo que já vinha de antanho, ainda que as manifestações de culto adoptassem também roupagens novas.

Correlacionando estes dados epigráficos dos primórdios do Império com as descobertas arqueológicas e, de modo especial, com o esplêndido mosaico demonstrativo de resplandecente brilho cultural ainda em pleno século IV, temos, pois, a demonstração clara de uma população florescente – a evidenciar, portanto, uma longa preferência das gentes por um território singular.

METODOLOGIA DE INTERVENÇÃO DE CONSERVAÇÃO E RESTAURO

Joaquim Garcia
(Arqueólogo)

RESUMO:

Os diversos fatores de alteração aos que estão submetidos os sítios arqueológicos sem proteção, contribuem para uma rápida degradação dos mesmos. No caso concreto de Alter do Chão, foi necessário implementar um programa de conservação e restauro para garantir a estabilidade do conjunto arqueológico e contribuir ao mesmo tempo para uma melhor leitura e fruição do conjunto por parte do público.

PALAVRAS-CHAVE:

Valorização, conservação e restauro

ABSTRACT:

The several changes to which the unprotected archeological places are submitted contribute to a rapid degradation. In this specific case, Estação Arqueológica de Ferragial d'El-Rei, It became necessary to implement a conservation and restoration program to grant the stability of the archaeological structures and also to get a better reading and perception of the whole by the public.

KEY WORDS:

Valorization, conservation and restoration

1. Introdução

O trabalho aqui desenvolvido ocorreu na sequência do programa de valorização e apresentação ao público do conjunto de estruturas do aglomerado urbano de *Abelterium*, designado por Estação Arqueológica de Ferragial d'El-Rei, localizada no concelho de Alter do Chão.

A referida valorização foi da responsabilidade da Câmara Municipal de Alter do Chão em colaboração com a Direção Regional de Cultura do Alentejo e visou a integração das ruínas num espaço urbano requalificado, incluindo também a construção de um centro de acolhimento e acessibilidades, da responsabilidade deste Município.

Os sucessivos modos de apropriação deste espaço arqueológico ao longo dos tempos tornaram-no de difícil compreensão, principalmente nalgumas zonas onde as alterações eram mais evidentes, pelo que surgiu a necessidade de implementar uma série de medidas de conservação e restauro que garantissem a integridade física das estruturas, ao mesmo tempo que contribuíssem para o melhoramento da leitura das mesmas. A abordagem histórica e arquitetónica foi determinada em conformidade com o arqueólogo responsável pelo sítio, procurando, sempre que possível do ponto de vista técnico e deontológico, tornar mais perceptível o conjunto a apresentar ao público.

As soluções conservação e restauro desenvolvidas consistiram basicamente no preenchimento de grandes

lacunas dos pavimentos em *opus signinum*, na consolidação do *tesselatum*, preenchimento de lacunas e alteamento das estruturas pétreas, consolidação e fixação dos revestimentos parietais, consolidação e fixação de vários pavimentos em mosaico romano, tratamento de toda a zona de sepulturas com reposição integral de duas sepulturas, implementação, sempre que possível, de sistema de drenagem em todos os compartimentos e a reintegração nas situações com evidências arqueológicas (ex. valas de fundação) numa opção ditada por critérios didáticos, oferecendo assim ao visitante uma leitura legível do conjunto arqueológico.

2. Diagnóstico do estado de conservação geral

O projeto de estudo e execução resultou de um exame do estado de conservação das estruturas arqueológicas de Ferragial d'El-Rei, baseado numa

observação *in situ* e no levantamento pormenorizado de todas as estruturas.

Previamente à intervenção, procedeu-se à recolha de toda a informação existente em arquivo, fornecida pelo arqueólogo coordenador e responsável dos trabalhos arqueológicos, tal como a documentação gráfica e fotográfica de registo.

Já no terreno, foram detetados os problemas próprios dos conjuntos arqueológicos que, durante séculos, permaneceram enterrados, adaptados a um microclima particular e, após as escavações arqueológicas, são confrontados repentinamente com as intempéries e seus efeitos prejudiciais, dando início a um rápido processo de degradação e alteração de todos os materiais.



Fig. 1: Aspecto geral da Estação Arqueológica antes das intervenções



Fig. 2: Aspecto geral da Estação Arqueológica antes das intervenções

A ação das águas pluviais é o principal agente degradante de todas as estruturas deste conjunto, quer por infiltração no interior das alvenarias, quer pela circulação das mesmas pelo subsolo. Nas alvenarias, ocasionaram tensões estruturais internas devido à expansão dos solos e foram a causa principal da lavagem dos materiais constituintes das argamassas, com o conseqüente surgimento de descontinuidades nos aparelhos e revestimentos parietais, contribuindo para a sua instabilidade. A desagregação dos materiais de construção deu origem à desestabilização e degradação de uma significativa quantidade de estruturas do conjunto.

A circulação das águas no subsolo provou deslocamentos do solo argiloso com a conseqüente mobilização dos pavimentos, causando a desagregação da argamassa de suporte, a perda de coesão entre a argamassa e o *opus tessellatum*, a perda do material intertesselar e a separação entre estratos, tendo como conseqüência o destacamento de uma grande quantidade de tesselas.

Outros fatores de alteração que afetam diretamente o sítio arqueológico exposto às intempéries, ocasionando desmoronamentos de estruturas, empobrecimento de argamassas, desagregação do *opus signinum*, *opus tessellatum* e material pétreo, são:

- Dilatação por hidratação de minerais argilosos expansivos;
- Ação da tensão superficial da água no período dos fenômenos naturais de molhagem - secagem dos materiais;
- Ação no interior das estruturas pela força de cristalização de sais minerais;
- Grandes amplitudes térmicas sazonais e diárias que provocam dilatações e retrações, fazendo estalar as tesselas, desagregando as de cerâmica e criando micro fissuras nos revestimentos parietais destacando-os do suporte pétreo;
- Incidência das águas pluviais, associadas às amplitudes térmicas, favorecem a congelamento das mesmas no interior dos materiais,

ocasionando tensões físicas sobre as tesselas e argamassas;

- Dilatação dos componentes minerais das rochas, quando submetidos a grandes variações de temperatura;
- Choques quer vibracionais (causados pela utilização de tratores, máquinas pesadas), quer de fortes pressões (derrubes e desmoronamentos), quer da ação antrópica (recolha e aproveitamento de pedra para novas construções);
- A ação direta de agentes vegetais e animais, bem como a proliferação de pequenas plantas, algas e líquenes que se alimentam dos vários constituintes das argamassas;
- Contraste de cotas das estruturas: As estruturas encontram-se a diferentes níveis, existindo na mesma zona achados a diferentes profundidades. Este fator condicionou claramente a conservação e o restauro, assim como a seqüência dos trabalhos a efetuados e o programa de drenagem implementado.

3. Ações gerais em todas as estruturas

As ações de conservação e restauro apontadas nesta intervenção foram escolhidas atendendo a critérios de estabilidade e reversibilidade, sem prejuízo das estruturas originais, mantendo sempre o respeito pela integridade de todos os elementos arquitetônicos e construtivos originais.

3.1. Limpeza geral em todas as estruturas

Antes de qualquer intervenção, procedeu-se à limpeza de terras e materiais soltos de toda a estação arqueológica, principalmente junto aos alçados. Os materiais de interesse arqueológico foram devidamente referenciados de acordo com o arqueólogo coordenador do projeto.

3.2. Tratamentos biológicos

Para a eliminação da infestação biológica (líquenes fungos e musgos) utilizamos o *Preventol R-80* (cloreto de benzalconio, da família química do sal de amônio quaternário) da Bayer em solução aquosa a 5%. Foram realizadas três aplicações com o intervalo de quinze,



Fig. 3: Pormenor de tratamento de *opus tessellatum*



Fig. 4: Pormenor de fixação de *opus tessellatum*

posteriormente as estruturas contaminadas com micro organismos, foram escovadas com escovas nylon e água desionizada.

3.3. Tratamento dos *opus tessellatum* e *opus signinum*

Os *opus tessellatum* e *opus signinum* quando colocados a descoberto apresentam, normalmente, concreções que são mais espessas e duras se o terreno é calcário como o caso do sítio arqueológico de Alter do Chão.

Esta situação obrigou a uma limpeza mecânica pormenorizada de toda a superfície das *tesselas*, com escovas de *nylon*, pequenos escopros pneumáticos e pontualmente micro abrasivo.

A consolidação dos *opus signinum* e *opus tessellatum* foi realizada através de várias aplicações de uma mistura de calda de cal hidráulica *Lafarge* e inertes finos sobre a superfície dos pavimentos. Muito pontualmente foi utilizada uma emulsão de aquosa de resina acrílica a 5%.

3.4. Tratamento das juntas

Após o tratamento de remoção de argamassas em mau estado de conservação e de terras, as juntas foram totalmente limpas com ar comprimido a baixa pressão acompanhado, sempre que possível, duma lavagem controlada com água e escovagem de forma a remover todo o material solto.

O preenchimento das juntas foi realizado em duas fases distintas. A primeira preencheu todos os espaços vazios e mais profundos com uma argamassa à base do ligante *Chaux Blanche (Lafarge)* e inertes finos de forma a impermeabilizar o interior das estruturas. A segunda como acabamento final, com uma argamassa à base de uma mistura de ligantes (*Lafarge*) e cal aérea hidratada (gorda) e inertes siliciosos de diferentes calibres (areia por).

3.5. Reintegrações de lacunas e alteamentos

As lacunas existentes em todas as estruturas e os alteamentos foram executados com pedra das mesmas características litológicas e dimensões idênticas das originais. Como material ligante, utilizou-se uma mistura cal hidráulica (*Lafarge*), cal aérea (gorda) e inertes isentos de sais, com textura e cromatismo o mais aproximados possível da existente. A técnica construtiva adotada respeitou a mesma coerência do aparelho original.

3.6. Documentação

Todas as intervenções de conservação e restauro foram sistematicamente registadas e implantadas no levantamento gráfico das estruturas, realizado pela equipa de arqueologia.

O levantamento fotográfico foi realizado no início, durante e no final de cada fase de intervenção, de forma a registar com o máximo de rigor toda a intervenção, permitindo a identificação inequívoca de todos os elementos constituintes a intervir.



Fig. 5: Aspecto final do tratamento de pavimento em *opus tessellatum*



Fig. 6: Aspecto final pós as acções de conservação e restauro de parte da estação arqueológica

4. Conclusão

A decisão de intervir materialmente sobre este conjunto arqueológico foi motivada, em primeiro lugar, pela necessidade de conservar. Todas as ações foram dirigidas na perspetiva de respeitar e salvaguardar a autenticidade dos elementos originais, limitando ao máximo as intervenções que pudessem causar modificações evidentes. Optou-se pelo restauro entendido como reconstituição, exclusivamente naquelas situações estritamente necessárias para garantir a integridade física das estruturas e favorecer a legibilidade de todo o complexo habitacional. Apenas se procedeu a este tipo de intervenção quando existiam evidências construtivas e arqueológicas suficientes para realizar a reconstituição, sem induzir em leituras erróneas. Assim, todas as intervenções de restauro foram documentadas e marcadamente diferenciadas do original.

Os trabalhos apresentados neste artigo devem-se à colaboração de uma vasta equipa de conservadores restauradores de várias especializações, arqueólogos com formação e experiência em conservação e restauro, conforme a especificidade de cada intervenção.

É de referir a importância que teve no resultado final a multidisciplinaridade da equipe e à articulação

funcional dos intervenientes nas várias fases do projeto, incluindo a execução do mesmo.

Como nota final, não podemos deixar de salientar que parte do sucesso de uma intervenção de conservação e restauro passa, também, pela programação de ações de manutenção, que garantam a preservação a longo prazo. Esta situação requer por parte da Câmara Municipal de Alter do Chão uma especial atenção na manutenção e proteção deste importante sítio arqueológico, memória histórica e coletiva que certamente contribuirá para uma valorização patrimonial de toda uma região.

Bibliografia

ADAM, J.P, *La Construction Romaine*, Grands Manuels Picard, Paris 1984.

AIRES-BARROS, L., *Alteração e Alterabilidade de Rochas*, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1991.

BRANDI, C., *Teoría de la restauración*, Madrid, Alianza Editorial, 1988.

ESBERT, R.M. *et alii*, *Manual de Diagnósis y tratamiento de Materiales Pétreos y cerámicos*, Col.legi d'Aparelladors i Arquitectes Tècnics de Barcelona, Barcelona, 1997.

FERRER MORALES, A., *La Pintura Mural. Su soporte, conservación, restauración y las técnicas modernas*, Universidad de Sevilla, Sevilla 1995.

GARCIA, J., A. González Tinturé, *Conservação e Restauro de Estruturas Arqueológicas em Miróbriga, Vipasca, nº 8*, UAAL/Câmara Municipal de Aljustrel, Aljustrel 1999.

GARCIA, J., A. González Tinturé, "Conservación y restauración en Miróbriga: un ejemplo de cómo abordar los problemas de degradación de los yacimientos arqueológicos" *Mérida Cuidada Y Patrimonio - Revista de Arqueología Arte Y Urbanismo - Número 6 -2002*.

ICCROM, *La Conservación en Excavaciones Arqueológicas*, Roma, Ministerio de Cultura, 1984.

ICCROM, *Mosaicos nº 5 - Conservación in situ*, Diputación Provincial de Palencia, Palencia, 1990.

LAZZARINI, L., M. Laurenzi Tabasso, *Il Restauro della Pietra*, Padova, Cedam, 1986.

MOUTINHO ALARCÃO, A., BELOTO, C., *Restauro de Mosaico*, IPPC, Lisboa 1987.

VICENTE HERNANDEZ, M.A., *et alii*, *Alteración de Granitos y Rocas Afines*, C.S.I.C., Madrid, 1993.

VIEGAS, C. *et alii*, *Dicionário de Motivos Geométricos no Mosaico Romano*, Liga dos Amigos de Conímbriga, Conímbriga 1993.

CONSERVAÇÃO E RESTAURO DOS ESPÓLIOS ARQUEOLÓGICOS DA CASA DE MEDUSA

Guillermo de la Peña López

(Técnico em Conservação e Restauro de Arqueologia)

RESUMO:

Breve resumo acerca da conservação e restauro e da importância das suas técnicas e critérios de actuação no âmbito da arqueologia e, em especial, para o conhecimento da nossa história, aplicada aos espólios da Casa de Medusa.

PALAVRAS-CHAVE:

Conservação, Restauro, conservação preventiva, degradação, Património, reversibilidade, estabilização, limpeza.

RESUMEN:

Un breve resumen acerca de la conservación y restauración y la importancia de sus técnicas y criterios de actuación en el ámbito de la arqueología y, en especial, para el conocimiento de nuestra historia, aplicada al conjunto de piezas halladas en la Casa de Medusa.

PALABRAS CLAVE:

Conservación, Restauración, conservación preventiva, degradación, Patrimonio, reversibilidad, estabilización, limpieza.

1. Introdução

A Conservação e Restauro tem como finalidade o conhecimento das técnicas e procedimentos directos e indirectos que facilitem a conservação e reabilitação do património cultural. Dentro da actividade arqueológica, esta profissão tem-se tornado numa ferramenta indispensável para assegurar não só um maior e mais profundo conhecimento dos objectos arqueológicos, senão também para garantir a sua preservação a longo prazo.

Os objectos arqueológicos, no seu longo período de centos ou milhares de anos de permanência debaixo de terra, sofrem uma série de transformações físicas e químicas causadas pela reacção entre as propriedades dos objectos (as suas características físicas e os seus elementos constitutivos) e as condições desse ambiente, pelo geral caracterizado por altos níveis de humidade

relativa, ausência total de luz, temperatura constante, presença de sais minerais nas terras e pouca presença de oxigénio. Mas esta serie de reacções de alteração é



Fig. 1: Trabalhos em laboratório

especialmente intensificada na fase de post-excavação, na qual os objectos, a partir do momento em que são retirados, são bruscamente expostos a condições ambientais completamente diferentes daquelas do seu longo período de enterramento (presença de oxigénio e luz, níveis baixos de humidade relativa, oscilações de temperatura, etc.), provocando assim uma rápida aceleração dos processos de degradação dos diferentes materiais arqueológicos.

É por isto que as práticas de conservação e restauro são tão importantes, porque tentam atenuar e retardar a progressiva destruição dos objectos arqueológicos e permitindo às próximas gerações desfrutar do seu próprio passado.

2. Estado de conservação

O espólio arqueológico da *Villa Romana* da Casa de Medusa submetido a processos de conservação e restauro constava de um total de cerca de quatrocentos objectos de diferentes materiais constitutivos: cobre, ferro, chumbo, osso, cerâmica, vidro, argamassa, mármore e fragmentos de vários frescos romanos. Física e quimicamente cada material arqueológico é um mundo por si só. Portanto, os trabalhos de conservação e restauro serão sempre diferentes dependendo do material, especialmente no que se refere à selecção dos

produtos químicos mais adequados. No entanto, o objectivo dos trabalhos é sempre o mesmo: estabilizar os objectos arqueológicos para evitar ou atenuar a sua progressiva degradação e facilitar a sua leitura, sempre segundo os critérios de reversibilidade (a utilização de materiais com a possibilidade de serem removidos se for preciso) e mínima intervenção (quanto menor for a intervenção realizada a uma peça, menos estaremos a alterá-la).

No momento da sua entrada em laboratório, a maioria dos objectos arqueológicos da Casa de Medusa apresentavam em geral uma capa superficial endurecida de terras e areias, e ainda depósitos de carbonatos, um tipo de sal mineral muito habitual em objectos arqueológicos que se forma na superfície danificando-a estruturalmente. Os objectos cerâmicos e os constituídos por argamassa (a pintura mural e os fragmentos decorativos) apresentavam uma alta proporção de sais solúveis no seu interior e uma fragilidade estrutural causada não só possivelmente pela sua repentina dessecação no momento da escavação, mas também por terem sofrido fragmentação. Por fim, certos elementos de vidro mostravam grandes sinais de degradação causados por ataques de humidade, enquanto outros se apresentavam em bom estado.



Fig. 2: Processo de limpeza de terras e depósitos calcários em lucerna



Fig. 3: Pintura parietal



Fig. 4: Moeda romana

Afinal, a presença de uns tipos de elementos e formas de alteração e a ausência de outros é algo que oferece não só muita informação sobre as próprias peças, como também sobre as condições ambientais em que elas permaneceram durante centenas de anos.

3. Descrição da intervenção numa peça metálica

Os processos de conservação e restauro das peças metálicas realizados em laboratório constaram de três fases que seguidamente serão explicadas tomando como exemplo uma das mais de cento e sessenta moedas de bronze conservadas:

- A primeira fase consta da documentação, exame e diagnóstico da moeda, na qual se tiram as fotografias de entrada, se calculam o peso e as dimensões das peças; se identificam os seus materiais constitutivos (neste caso o cobre e o estanho) e os elementos de alteração que apresentam (capas de terra e areias e depósitos de produtos de alteração do cobre); e finalmente se decidem as técnicas e processos de

intervenção a seguir na próxima fase.

- A segunda fase engloba os processos de limpeza, estabilização e protecção da moeda. Primeiramente é limpa das suas capas de terra e de produtos de alteração, com muita paciência e utilizando o binóculo e instrumentos que evitem que a frágil superfície da moeda fique alterada pela abrasão. Depois da limpeza, é imersa durante um período mínimo de um mês numa solução de um produto químico estabilizador que permite a inibição de certos processos de corrosão activa para desta forma evitar a sua futura formação.

Finalmente, a moeda pode apresentar fragilidade estrutural. Para a proteger e lhe proporcionar estabilidade, é consolidada com uma resina acrílica diluída com um dissolvente a uma proporção que permita a sua penetração dentro do corpo da peça. Depois de seca a

resina, é realizada uma última protecção superficial com uma fina capa de cera microcristalina que cria uma barreira que evita a intervenção dos agentes de alteração do ambiente, especialmente a humidade e os raios ultravioleta.

- A terceira fase é comum para todos os objectos arqueológicos, e nela se realiza a documentação final por meio de fichas de intervenção e relatórios. São feitas as fotografias de saída, e finalmente procede-se ao embalar da peça. Para isso não se utilizam materiais como madeira, cartão, papel e outros produtos orgânicos, nem plásticos de poliuretano ou de PVC, já que são materiais de fácil degradação e libertadores de gases corrosivos. É importante utilizar material recomendado para reserva e acondicionamento de objectos arqueológicos, de modo a que fiquem conservados no menor contacto possível com o ar e com a humidade. No caso da moeda, esta é introduzida num saco selado *minigrip* e acondicionada com as outras moedas numa caixa contentora do tipo *tupperware*.

4. Descrição da intervenção num objecto cerâmico

No caso de objectos cerâmicos arqueológicos é habitual estes aparecerem fragmentados em numerosas peças. A sua reconstrução com o objectivo de lhe devolver a forma original é sempre a fase mais interessante dos processos de conservação e restauro neste tipo de objectos. No entanto, antes de chegar a esta fase é necessário passar por outras fases prévias:

- Tomando como exemplo o tratamento de um pote cerâmico, após a primeira fase de documentação, exame, diagnóstico e fotografia do objecto, é importante comprovar a quantidade de sais solúveis presentes no seu interior. Estes sais minerais, provenientes da terra onde o pote permaneceu soterrado, conseguem passar para o interior da rede porosa da pasta cerâmica por meio da humidade, e podem provocar danos estruturais no corpo do objecto. Por isso é importante a sua extracção, efectuada por meio de banhos de água destilada que ao estar desmineralizada é capaz de extrair os sais presentes no corpo do pote. Para controlar este processo, que pode durar semanas, é preciso realizar medições da

condutividade da água até que finalmente os níveis fiquem baixos e estáveis.

- A fase de reconstrução começa posteriormente. Após secos, os fragmentos do pote são unidos metodicamente por meio de uma cola reversível, muitas vezes sendo preciso consolidar antes os bordos das fracturas para que as uniões fiquem bem reforçadas. Como os objectos cerâmicos habitualmente aparecem incompletos nas escavações, é normal verificarem-se muitas "lacunas" que provocam fragilidade no corpo dos mesmos após a colagem dos fragmentos. Para solucionar este problema, seleccionam-se os pontos mais frágeis do corpo do objecto e reconstituem-se essas "lacunas" com gesso que é depois pintado com pinturas acrílicas de modo a evitar que a cor branca se destaque, prevalecendo desta forma um equilíbrio entre o sentido da estabilidade estrutural e o sentido estético, para garantir o maior cuidado e respeito pelos objectos arqueológicos.

5. Observação final

Fica demonstrado, portanto, que a Conservação e Restauro é a ferramenta definitiva que permite a estabilização dos processos de degradação de todos os objectos arqueológicos do nosso património, desde a mais pequena moeda até à mais grandiosa estrutura. Mas é importante assinalar como conclusão que todos estes tratamentos de conservação activa dos objectos se podem tornar inúteis se não se estabilizar também o meio no qual as peças serão expostas, seja a vitrina numa exposição ou a sala de um armazém. Isto é o que chamamos Conservação Preventiva, e que consiste no assíduo controlo das condições ambientais do lugar (luz, temperatura e humidade relativa), evitando sempre que sejam muito altas e que existam flutuações dos níveis. Só assim se poderá conseguir uma conservação perfeita que permita de futuro continuar a usufruir e a aprender com as obras que os nossos antepassados nos legaram.



Fig. 5: Pote cerâmico



Fig. 6: Fragmentos do pote cerâmico

RECUPERAÇÃO E VALORIZAÇÃO DA ESTAÇÃO ARQUEOLÓGICA DE ALTER DO CHÃO

Maria Filomena Barata

(Técnica Superior da DGPC, ex-Directora Regional do IPPAR, Évora)

Ângela Barrigó

(Técnica Superior da DRCALEN)

RESUMO:

Pretende-se dar a conhecer os objectivos gerais para a valorização de um Sítio Arqueológico, enquadrando-o numa política regional em que o Património seja tido como um Bem e um Recurso.

PALAVRAS-CHAVE:

Conservar, valorizar.

RESUMÉE:

Ce projet a pour but de faire connaitre les objectifs généraux de la valorisation d'un site archéologique, l'encadrant dans une politique régionale où le Patrimoine soit considéré comme un bien et une resource.

MOTS-CLÉS:

Consérvér, mise en valeur.

As “ruínas” do Passado remoto, para além do seu intrínseco valor científico e patrimonial, como testemunhos do Passado, espelham a acção do Homem sobre os territórios que ocupou e o equilíbrio gerado entre Espaço e Tempo. Muitos deles, porque abandonados, são, ainda hoje, locais de silêncio e de bem-estar, onde a paisagem humanizada nos traduz a relação estreita que sempre existiu entre o Homem e a Natureza.

Outros falam-nos da sobreposição de cidades que, no tempo, elegeram o mesmo local para se instalar, a exemplo de Alter do Chão, onde a ocupação humana parece ter sido contínua desde o período romano.

Assim, do nosso ponto de vista, torna-se fundamental que os sítios arqueológicos possam, através de programas de valorização específicos, viabilizar, por um lado, o conhecimento histórico e, por

outro, espelhar a acção humana sobre os ecossistemas enquanto forma de produção cultural e, partilhando essa informação, contribuir para uma melhor gestão de recursos na actualidade.

Na nossa perspectiva, o Passado, a História e, portanto, o Património Cultural e Ambiental são valores vitais e identitários, com uma importância imprescindível para o equilíbrio da sociedade actual, em permanente mutação.

Pensando ao nível do Alentejo, tentou-se potenciar uma visão em rede, através da criação de percursos ou itinerários temáticos, integrados com outras tramas já estabelecidas, onde o Património Cultural e o Natural fossem abordados no seu conjunto e de um modo articulado, a exemplo dos “Itinerários Arqueológicos do Alentejo”, do “Programa de Valorização das Pontes Antigas”.



Fig. 1: Villa Romana da Casa de Medusa



Fig. 3: Laboratório de Conservação e Restauro



Fig. 2: Laboratório de Arqueologia



Fig. 4: Reservas de Arqueologia

Permitindo uma visão integrada do território, destinada a ser usufruída por uma multiplicidade de públicos, considerava-se poder contribuir para a multiplicação de actividades económicas ligadas ao turismo e eco-turismo nas suas diferentes modalidades, em áreas próximas ou afastadas dos tradicionais pólos regionais de atracção turística, fazendo itinerâncias.

Privilegiaram-se sítios que pudessem estabelecer itinerâncias que permitissem uma visão do território ao longo do tempo, mas também, sempre que possível, fazer a ligação com o património ambiental, tanto mais que, apenas para exemplificar, nos montados pontuam como marcos as antas e dolménos e a maioria das *uillas* romanas repousam ainda sob estepes cerealíferas, onde nidificam algumas das mais belas aves do continente europeu.

Mas o mesmo raciocínio também é válido em meios urbanos, onde se sobrepõem cidades que o tempo foi estratigrafando.

E a valorização dos sítios arqueológicos, como palimpsestos de memória, concentrada em alguns

lugares, pode espelhar assim essa relação estreita do Homem com os lugares.

O Programa Operacional da Cultura, como programa privilegiado para o financiamento de programas concertados de valorização do Património Cultural, contribuiu, do nosso ponto de vista, para sedimentar uma política de optimização de recursos e meios socio-culturais, envolvendo no mesmo projecto diferentes entidades da administração central e local e outros agentes culturais.

Localizados no Nordeste Alentejano, numa zona limítrofe à actual vila de Alter do Chão, os vestígios romanos de Ferragial d'El-Rei remetem-nos para uma continuidade da ocupação humana em meio urbano. A área que é objecto de intervenção, nesta fase, permitiu pôr a descoberto uma considerável área da *pars urbana* da Casa de Medusa, uma *villa* romana suburbana de *Abelterium*, localidade citada no Itinerário de Antonino, situada numa das vias de ligação entre *Olisipo* a *Emérita*.



Fig. 5: Centro Interpretativo da *Villa Romana da Casa de Medusa*

Através de uma candidatura apresentada ao Programa Operacional da Cultura, a execução das suas acções resultou também de uma parceria entre o ex-IPPAR, através da Direcção Regional de Évora e da actual Direcção Regional de Cultura do Alentejo, da Câmara Municipal de Alter do Chão, contando ainda com a participação da Coudelaria de Alter, actualmente sob gestão da Companhia das Lezírias, como proprietária dos terrenos onde se situa a estação arqueológica, tendo sido estabelecido um protocolo entre estas três entidades.

Com este projecto pretendeu-se implementar um conjunto de acções que integram escavações arqueológicas, intervenções de conservação e restauro de estruturas postas a descoberto, estudo e publicação dos resultados da investigação sobre os materiais arqueológicos exumados e a criação de condições de visita pública, permitindo um entendimento adequado deste local, através da criação de um centro de interpretação, articulado com um sistema de sinalética. A Estação Arqueológica de Ferragial d'El-Rei, Alter do Chão, é um Imóvel de Interesse Público, classificado pelo Decreto N.º 28/82 de 26 de Fevereiro. Trata-se de um sítio arqueológico tutelado pela Câmara Municipal de Alter do Chão.

Cinquenta anos após a sua descoberta, através da candidatura no âmbito do Programa Operacional da Cultura (2004/2008), foi possível o desenvolvimento

do *Projecto de Recuperação e Valorização da Estação Arqueológica de Alter do Chão*, permitindo o alargamento das escavações no sítio, com as conseqüentes descobertas científicas associadas, a que se acrescentou a componente de conservação, divulgação, interpretação e apresentação pública, bem como o tratamento, conservação e restauro de materiais arqueológicos e de estruturas arqueológicas postas a descoberto e a musealização das ruínas.

A candidatura aprovada pelo POC envolveu os seguintes valores:

- *Investimento total do projecto* - € 715.524,20
- *FEDER* - € 536.643,15
- *Contrapartida Nacional* - C.M. de Alter do Chão - € 178.881,05

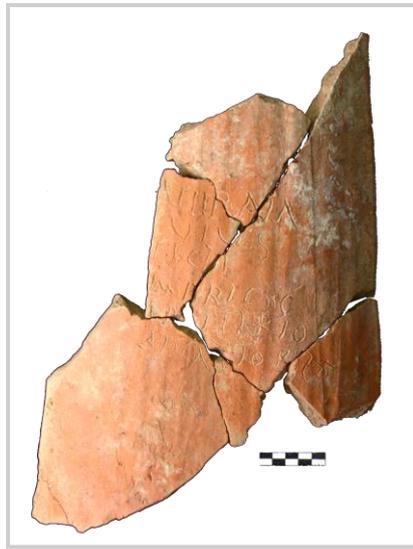
Ao pretender-se a valorização deste Património Arqueológico e da necrópole Tardo-Antiga pretendeu-se também dar ênfase à criação de um circuito cultural mais abrangente na vila e concelho de Alter do Chão, onde quer o seu castelo, quer o vizinho de Alter Pedroso e a vigorosa ponte romana localizada nas imediações funcionem também como pólos de atracção, interpretação e de sensibilização.

Com profunda alegria, qualquer visitante que hoje se desloque a Alter do Chão pode ver aberto ao público o Centro Interpretativo instalado no Cine-teatro,

dedicado à «Casa de Medusa»; os seus laboratórios funcionando, uma equipa laborando, salientando-se o importante papel do arqueólogo municipal, e poderá visitar as estruturas do Sítio Arqueológico de Ferragial d'El-Rei, onde ainda se encontra tapado o excelente conjunto de mosaicos, mas que, desejamos, a curto prazo se encontrem visíveis, devidamente protegidos com uma cobertura. Desejamos ainda que a continuidade das escavações venha dar a conhecer a totalidade desta imponente casa romana.

A Alter do Chão e seu Património o nosso até já, até sempre.

ARQUEOLOGIA E HISTÓRIA



ALTER DO CHÃO

FOICIDADEMUITOOPPULENTANAANTIGUI
DADEOSROMANOSAFUNDARAMPELOSAN
NOSDOMUNDO3800(204ANTESDEJESUSCHR
ISTO)OUTROSASUPPÕEMFUNDAÇÃOUIT
OMAIANTIGA(DOSTURDULOSOUDOSCEL
TAS)EQUEOSROMANOSSÓAAAMPLIARAMEA
FORMOSEARAMCOMTEMPLOSEEDIFICIOS